

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GEOGRAFIA**

KAIANE LAMONATO BATTISTEL

**A REPRESENTATIVIDADE REGIONAL BRASILEIRA NO LIVRO DIDÁTICO DE
GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CHAPECÓ
2025**

KAIANE LAMONATO BATTISTEL

**A REPRESENTATIVIDADE REGIONAL BRASILEIRA NO LIVRO DIDÁTICO DE
GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Adriana Maria Andreis

CHAPECÓ

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Battistel, Kaiane

A REPRESENTATIVIDADE REGIONAL BRASILEIRA NO LIVRO
DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL / Kaiane
Battistel. -- 2025.

84 f.:il.

Orientadora: Doutora Adriana Maria Andreis

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Geografia, Chapecó, SC, 2025.

1. Ensino de Geografia. Livro didático. Imagens.
Representatividade Regional.. I. Andreis, Adriana Maria,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

KAIANE LAMONATO BATTISTEL

A REPRESENTATIVIDADE REGIONAL BRASILEIRA NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 04/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ADRIANA MARIA ANDREIS**
Data: 05/07/2025 15:55:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra Adriana Maria Andreis - UFFS
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **MAFALDA NESI FRANCISCHETT**
Data: 06/07/2025 16:20:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof, Dra Mafalda Nesi Francischett - UNIOESTE
Avaliador

Documento assinado digitalmente
 **IGOR DE FRANÇA CATALAO**
Data: 07/07/2025 10:11:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr Igor de França Catalão– UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho aos meus pais, que não
pouparam esforços para que eu pudesse
concluir meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais e meu esposo, por todo o zelo, amor e dedicação que sempre tiveram comigo. Sem o apoio incondicional deles, este trabalho e toda a minha trajetória acadêmica não teriam sido possíveis.

Aos meus demais familiares e amigos, pelo companheirismo, pelas palavras de incentivo e pelo apoio constante ao longo da jornada. Cada gesto de carinho foi essencial para que eu pudesse seguir em frente com confiança e determinação.

Aos professores que fizeram parte da minha formação, em especial à minha orientadora, pelo direcionamento cuidadoso, pela paciência e por me incentivar a pensar criticamente o conhecimento.

Por fim, agradeço à Universidade Federal da Fronteira Sul e aos colegas do curso de Geografia, com quem compartilhei aprendizados, desafios e conquistas ao longo desta caminhada.

Olhem de novo para o ponto. É ali. É a nossa casa. Somos nós. Nesse ponto, todos aqueles que amamos, que conhecemos, de quem já ouvimos falar, todos os seres humanos que já existiram, vivem ou viveram as suas vidas. Toda a nossa mistura de alegria e sofrimento, todas as inúmeras religiões, ideologias e doutrinas econômicas, todos os caçadores e saqueadores, heróis e covardes, criadores e destruidores de civilizações, reis e camponeses, jovens casais apaixonados, pais e mães, todas as crianças, todos os inventores e exploradores, professores de moral, políticos corruptos, “superastros”, “líderes supremos”, todos os santos e pecadores da história da nossa espécie, ali – num grão de poeira suspenso num raio de sol (Sagan, 1994, p. 10).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga a representatividade regional brasileira nas imagens do livro didático *Amplitude Geografia 7*, adotado no 7º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública do município de Nova Erechim (SC). O objetivo principal é discutir como as regiões do Brasil são representadas visualmente nesse material, considerando a frequência, o conteúdo e os sentidos atribuídos às imagens. A pesquisa é de natureza qualitativa, baseada em um estudo bibliográfico documental do livro didático, assim adotando como fundamentos metodológicos a hermenêutica, para interpretar os significados presentes nas imagens em seu contexto pedagógico, e o paradigma indiciário, que orienta a leitura crítica de indícios visuais e simbólicos. As imagens analisadas foram classificadas em três categorias gerais : *Paisagem Natural*, *Paisagem Cultural* e *Paisagem Cultural Econômica* . A partir delas, organizadas em subcategorias temáticas, como vegetação, patrimônio histórico, festas populares, atividades econômicas, entre outras. A análise revelou padrões de luminosidade e opacidade, conforme os conceitos de Milton Santos, evidenciando a valorização de representações tradicionais e culturais em detrimento de aspectos urbanos, sociais e econômicos mais complexos. Conclui-se que as imagens presentes no livro didático não são neutras, mas portadoras de significados ideológicos que influenciam a formação do olhar geográfico dos estudantes, reforçando a necessidade de uma abordagem visual crítica e plural no ensino de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Livro didático. Imagens. Representatividade Regional.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis investigates the Brazilian regional representativeness in the images of the textbook *Amplitude Geografia 7*, adopted in the 7th grade of Elementary School in a public school in the municipality of Nova Erechim (SC). The main objective is to discuss how Brazil's regions are visually represented in this material, considering the frequency, content, and meanings attributed to the images. The research is qualitative in nature, based on a bibliographic and documentary study of the textbook, adopting hermeneutics as a methodological foundation to interpret the meanings present in the images within their pedagogical context, and the evidentiary paradigm, which guides the critical reading of visual and symbolic clues. The analyzed images were classified into three general categories: Natural Landscape, Cultural Landscape, and Cultural-Economic Landscape. These categories were then organized into thematic subcategories such as vegetation, historical heritage, folk festivals, economic activities, among others. The analysis revealed patterns of luminosity and opacity, according to the concepts of Milton Santos, highlighting the emphasis on traditional and cultural representations to the detriment of more complex urban, social, and economic aspects. It is concluded that the images in the textbook are not neutral, but bear ideological meanings that influence students' geographical perspective, reinforcing the need for a critical and plural visual approach in Geography education.

Keywords: Geography Teaching. Textbook. Images. Hermeneutics. Evidential Paradigm. Regional Representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Divisão Regional do Brasil, conforme IBGE (1942).....	26
Figura 2: Mapa do Brasil segundo divisão regional do IBGE (1970).....	27
Figura 3: Divisão Regional do Brasil segundo o IBGE (1990).....	27
Foto 4: Indígenas Tukanos e Dessana da aldeia Cipiá.. Manaus (AM), 2019.....	30
Foto 5: Festa do Divino. Vila Bela da Santíssima TRindade (MT), 2014.....	31
Foto 6: Foliões em apresentação de maracatu durante o Carnaval. Olinda (PE), 2020.....	31
Foto 7: Detalhes do painel Etnias, de Kobra. A obra representa nativos dos cinco continentes. Rio de Janeiro (RJ), 2020.....	32
Foto 8: Apresentação de Boi de Mamão. Antonina (PR), 2017.....	33
Foto 9: Casas destruídas após deslizamento em encostas.....	49
Foto 9: Deslizamento em periferia.....	50
Foto 10: Área de desmatamento.....	50
Foto 11: Vista aérea de área desmatada em meio a floresta amazônica.....	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Total de imagens por unidade.....	29
Tabela 2: Paisagens gerais da região Norte.....	35
Tabela 3: Paisagens gerais da região Centro-Oeste.....	35
Tabela 4: Paisagens gerais da região Nordeste.....	36
Tabela 5 : Paisagens gerais da região Sudeste.....	36
Tabela 6: Paisagens gerais da região Sul.....	36
Tabela 7: Subcategorias Paisagens Naturais.....	40
Tabela 8: Subcategorias Paisagens Culturais.....	41
Tabela 9: Subcategorias Paisagens Culturais Econômicas.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 APRESENTANDO A PESQUISA.....	12
1.2 METODOLOGIA.....	13
2 A IMPORTÂNCIA DAS IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS.....	17
2.1 CONJUNTO DE PESQUISAS SOBRE O TEMA.....	17
2.2 AS IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS.....	19
3 “AMPLITUDE GEOGRAFIA 7”: A REPRESENTATIVIDADE REGIONAL.....	24
3.1 ASPECTOS GERAIS NAS IMAGENS DOS LDS SOBRE AS REGIÕES.....	24
3.2 CATEGORIAS GERAIS ANALÍTICAS.....	31
3.3 SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE.....	35
4 LUMINOSIDADES E OPACIDADES NA REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO BRASILEIRO.....	43
4.1 ANÁLISE DAS IMAGENS: LUMINOSIDADES E OPACIDADES REGIONAIS..	43
5 CONCLUSÕES.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE I – Trabalhos selecionados com base nas diretrizes: Geografia, Livro Didático e Imagens.....	57
APÊNDICE II – Catálogo de Imagens utilizadas.....	59

1 INTRODUÇÃO

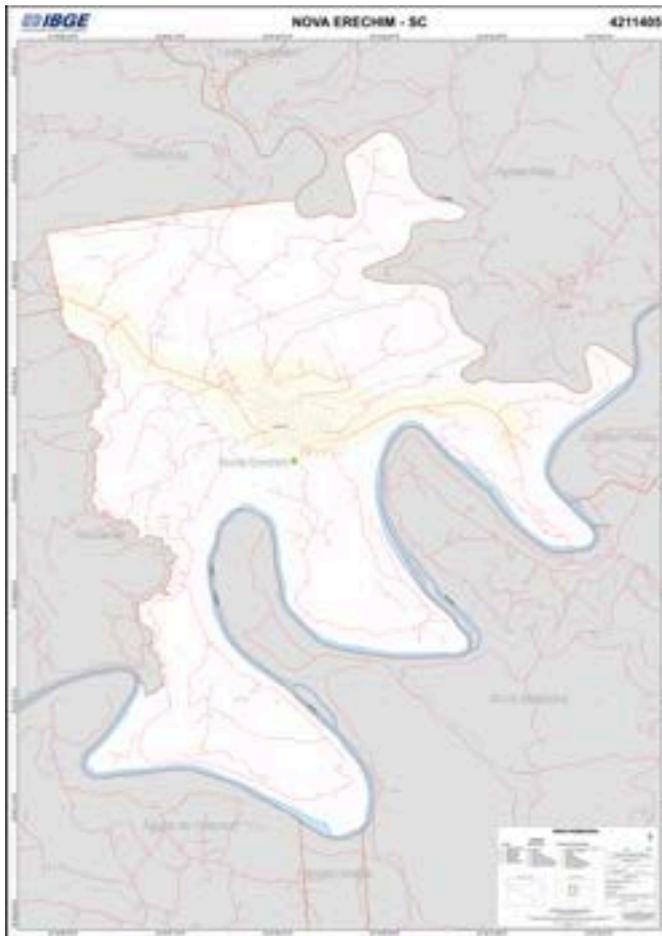
1.1 APRESENTANDO A PESQUISA

Em uma atualidade em que as pessoas são expostas incansavelmente às imagens, sejam elas fotos, vídeos e outros meios midiáticos, observamos cotidianamente a sua importância na construção dos sentidos e significados pelas pessoas, mesmo que isso ocorra de forma inconsciente. Neste contexto, as imagens dos livros didáticos têm um papel importante, pois seus conteúdos são caracterizados como hipertextos (É combinação de diferentes modalidades de texto verbal e não-verbal), como explica Rossi (2019). Isso significa que, em uma abordagem mais interativa de ensino-aprendizagem, a imagem atua como um elemento complementar que estimula o imaginário e favorece a construção de conexões essenciais para a formação do conhecimento.

Esse tema emerge da minha trajetória pessoal durante o percurso da graduação, onde o debate sobre a importância das imagens surgiu em alguns contextos estudados nas disciplinas do curso de Geografia. Por ser um curso que forma professores de Geografia, as imagens do livro didático chamam à atenção, para pensar sobre como ocorre a representatividade étnica e feminina, entre outros temas abordados. No curso de graduação, especialmente na realização dos estágios, e fazendo o uso efetivo do livro didático de Geografia na prática, surge a questão “Como ocorre a representatividade regional nas imagens dos livros didáticos de geografia do ensino fundamental?”.

O estágio foi realizado no oeste de Santa Catarina, no município de Nova Erechim. Este município foi fundado em 1964 e conta atualmente com cerca de 5 mil habitantes, segundo o IBGE (2022). Sua economia baseia-se na agricultura familiar, no setor de serviços e em pequenas indústrias. A cidade faz parte de uma região marcada por colonização italiana e alemã, com forte presença de práticas culturais locais e de uma identidade regional bastante consolidada. No campo da educação, Nova Erechim possui uma rede pública essencialmente estadual e municipal, sendo a Escola de Educação Básica Rudolfo Luzina a principal instituição de ensino para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio. Essa configuração educacional contribui para a homogeneidade no acesso aos materiais didáticos, o que torna ainda mais relevante investigar o conteúdo simbólico das imagens veiculadas no livro utilizado pelos estudantes. Abaixo segue um mapa da cidade:

Figura : Mapa de Nova Erechim



Fonte: IBGE

Neste contexto, vale a ressaltar que o livro didático, pela experiência vivida, foi muito utilizado em aula. Trazendo assim uma característica muito importante, pois o município de Nova Erechim, no qual a questão surgiu, tem apenas uma escola estadual que é responsável pelos alunos do 6º ano do fundamental até o terceiro ano do ensino médio. Ou seja, em geral, pode-se depreender que a maior parte dos alunos do município em idade escolar, a exemplo dos estudantes do 7º ano, âmbito no qual concentramos esta pesquisa, têm acesso ao livro didático ofertado e escolhido pela escola. Com isso, torna-se relevante esta investigação por representar que uma geração da população trabalha com esse material e está exposta às mesmas imagens. Isso suscita a interrogação de pesquisa que comentamos. De acordo com dados do QEDu (2024), a Escola de Educação Básica Rudolfo Luzina registrou 387 matrículas, sendo 262 nos anos finais do Ensino Fundamental, 125 no Ensino Médio e 16 na Educação Especial, o que reforça o alcance unificado dos livros didáticos adotados.

Em prosseguimento, esta abordagem é importante por alguns fatores como o fato de o Brasil ter uma grande extensão territorial que promove a diversidade regional, além disto, fatores de classes sociais e situação de moradia. Ainda, o estudo se torna relevante devido a importância das imagens e a força que as mesmas possuem para a formação da identidade, seja ela pessoal ou regional, temos claro que as imagens presentes nos materiais didáticos devem ser de um cunho que represente a realidade destas regiões e não fomente estereótipos. As imagens contém conteúdos simbólicos e contribuem para a constituição de concepções ideológicas.

As imagens podem até mesmo ser "nocivas", como explica Rossi (2019), pois elas podem afetar diretamente os indivíduos, por sua vez podem reproduzir preconceitos contra diversos grupos, reforçam a exclusão e geram aversão, desprezo e desrespeito. Ou seja, a pesquisa é importante para enfatizar a importância da representatividade no LD que como afirma Copati (2017) é um material que depois de aprovado pelo PNLD é distribuído para todas as regiões do Brasil, isso desde 2005.

Considerando esses apontamentos do problema de pesquisa, o objetivo é discutir a representatividade regional brasileira no livro didático de geografia no ensino fundamental por meio de um estudo das imagens, para contribuir nas reflexões sobre a equidade nas aulas de geografia

Este trabalho de pesquisa está organizado em partes, sendo que cada capítulo visa aprofundar um objetivo específico. O primeiro capítulo intitulado de "A Importância das Imagens nos Livros Didáticos" tem como meta entender a relevância das imagens do livro didático para o ensino de geografia. Na sequência "Amplitude Geografia 7: A Representatividade Regional", tendo como objetivo analisar as representações das regiões brasileiras nas imagens presentes no livro didático, contemplando a maneira como são retratadas e a frequência com que são abordadas. E em sequência, o último capítulo que vai tratar de estudar a combinação das imagens no contexto educacional e a formação de uma compreensão crítica utilizando dos conceitos de luminosidade e opacidade. E por fim as conclusões.

1.2 METODOLOGIA

A presente pesquisa envolveu um estudo bibliográfico de caráter documental, com foco na análise qualitativa de um livro didático de Geografia. Esse tipo de abordagem fundamenta-se no exame de documentos considerados como fontes primárias. De acordo com Grazziotin, Klaus e Pereira (2022), a pesquisa documental histórica e a pesquisa bibliográfica

permitem a construção de uma base teórica e empírica por meio do exame de registros escritos que, mesmo já publicados, ainda não foram analisados sob o recorte temático proposto, contribuindo para a compreensão crítica.

Nesse sentido, a escolha material que serviu de base para as discussões esteve diretamente relacionada à trajetória de formação da pesquisadora. Assim, a investigação voltou-se para as imagens presentes no livro didático de Geografia utilizado pelas turmas do 7º ano da única escola do município que oferta os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Este caso estudado, apreende uma representatividade temática, pois investiga uma questão que tem um caráter abrangendo o assunto investigado e uma realidade contextual na qual ocorre.

Localizada no município de Nova Erechim, estado de Santa Catarina, a escola cedeu o exemplar físico do livro *Amplitude Geografia 7*, da Editora do Brasil, escrito por Axé Silva e Jurandyr Ross, para a realização deste estudo. Cabe destacar que a escola adota apenas um livro de Geografia para todas as turmas de 7º ano, e que a escolha deste material, neste ano letivo, deveu-se ao fato de que ele contempla em seu currículo o conteúdo diretamente relacionado ao tema da pesquisa: a representatividade regional do Brasil

A investigação envolveu um estudo bibliográfico de textos e livros, bem como um estudo documental do livro didático. Essa abordagem foi guiada pela perspectiva teórica da hermenêutica, entendida aqui como a maneira pela qual interpretamos diversos aspectos da experiência humana, incluindo textos, gestos e atitudes. Conforme discutido por Stein (2014), a hermenêutica filosófica desenvolvida por Gadamer aprofunda a noção de compreensão como um processo histórico, em que a linguagem atua como mediadora essencial na construção do sentido. A proposta consistiu em promover uma reflexão e compreensão sobre o que foi visto e vivenciado, em um movimento de conhecimento que se conecta diretamente à nossa visão de mundo, moldada por experiências anteriores (Sidi;Conte 2017). Nesse contexto, a hermenêutica constituiu um elemento essencial para compreender as complexidades da formação e da educação.

Complementando essa abordagem, o estudo dos dados foi orientado pelo Paradigma Indiciário, configurado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg. Segundo o autor (Ginzburg, 1989), trata-se de uma abordagem que busca interpretar a realidade a partir de indícios sutis, operando com métodos inferenciais e interpretativos que permitem revelar aspectos ocultos dos fenômenos sociais. Segundo Leandro e Passos (2021), trata-se de uma abordagem teórica que busca interpretar realidades complexas por meio da identificação de indícios sutis, contribuindo para enriquecer a análise de narrativas e fenômenos sociais,

especialmente em pesquisas na área da educação.

Todos esses aspectos metodológicos fundamentaram a análise das imagens presentes no livro didático. Para início, houve a seleção das imagens. Nesta, foram definidos dois critérios principais: foram analisadas apenas as fotografias, excluindo-se outros tipos de ilustrações; e a análise concentrou-se nas unidades que abordam as regiões brasileiras (unidades 4, 5, 6, 7 e 8).

O segundo passo consistiu em um levantamento geral das imagens, com uma primeira observação exploratória. Com os dados reunidos, iniciou-se a fase de análises, começando com a separação das imagens por capítulo geral das fotografias presentes nas cinco unidades, de acordo com seus respectivos capítulos, permitindo uma observação mais ampla do conteúdo. Em seguida, foi realizado um estudo mais minucioso, que possibilitou a criação de categorias específicas de análise. Essas categorias foram formadas a partir de indícios, atentando: ao título atribuído à imagem, página do livro na qual está apresentada; o contexto em que estava inserida no livro didático, ou seja, o tema tratado e no qual a imagem é apresentada e ao conteúdo ou assunto que é retratado na imagem.

Durante esse processo, as fotografias também foram quantificadas e organizadas em tabelas, de modo a realizar a análise qualitativa e quantitativa com dados mensuráveis sobre a frequência das representações. Essa etapa possibilitou uma visão mais ampla da distribuição, recorrência e apreciação das fotografias no livro. Em diálogo com os dados quantitativos, foi realizada uma análise qualitativa das imagens, considerando-as como presenças luminosas, aquelas que se destacam e ganham evidência, e presenças opacas aquelas que permanecem sutis ou invisibilizadas no contexto da narrativa didática.

Em suma, foram elaboradas tabelas que expressam o que essas representações visuais evidenciam (tabelas 3 a 7). As ideias extraídas dessas análises deram origem a categorias emergentes, que foram interpretadas com base em autores da Geografia, do Ensino de Geografia e da Educação (tabelas 9 a 11). Em seguida, foi feita uma análise de luminosidades e opacidades em cima dos resultados obtidos.

Para facilitar a compreensão do processo metodológico adotado, seguem os passos realizados:

1. Seleção do corpus de análise: Inicialmente, foram selecionadas todas as fotografias presentes nos capítulos 4, 5, 6, 7 e 8 do livro *Amplitude Geografia 7* (Silva; Ross, 2022), excluindo-se ilustrações, mapas e gráficos, conforme os critérios definidos para a constituição do corpus de análise. As imagens selecionadas estão detalhadas no Apêndice II.

2. Análise das imagens referentes às cinco regiões brasileiras, presentes nos

capítulos 4, 5, 6, 7 e 8 e observação da organização do livro didático por meio do Apêndice II: Em seguida, procedeu-se à análise das imagens distribuídas nos cinco capítulos que abordam as cinco regiões brasileiras. Simultaneamente, realizou-se a observação da estrutura organizacional do livro didático, com o objetivo de compreender como os conteúdos visuais se articulam à narrativa textual. As imagens analisadas foram organizadas e quantificadas em tabelas, permitindo a identificação da distribuição das fotografias por região (tópico 3.1.1)

3. Estudo específico das imagens de capa das unidades regionais:As imagens de capa que introduzem cada unidade foram analisadas separadamente, considerando seu papel simbólico e de destaque na representação das regiões brasileiras. Esta etapa visou identificar os elementos culturais e sociais destacados nas aberturas das unidades. (Detalhado no tópico 3.1.2)

4. Estruturação das categorias gerais analíticas: A partir da análise inicial, as imagens foram organizadas em três categorias gerais, com base em referenciais teóricos da Geografia e da Educação: Paisagem Natural; Paisagem Cultural e Paisagem Cultural Econômica. Essa categorização permitiu a organização sistemática do material imagético para aprofundamento das análises e criação de subcategorias. A distribuição das imagens em cada categoria foi sistematizada em tabelas (tópico 3.2) (tabelas 3 a 7) para facilitar a visualização e a análise comparativa

5. Criação de subcategorias temáticas: dentro de cada categoria geral, foram identificadas subcategorias específicas, conforme os conteúdos predominantes nas imagens analisadas. As subcategorias estabelecidas são: Vegetação e formações naturais, Hidrografia, Relevos, Festas populares e eventos culturais, Povos tradicionais e comunidades locais, Patrimônios históricos, Cotidiano urbano e práticas sociais, Setor econômico primário, Setor econômico secundário, Setor econômico terciário, Dinâmicas do espaço e Degradação ambiental antrópica. Inicialmente apresentadas de forma sistematizada no quadro 2, essas subcategorias foram posteriormente organizadas em tabelas específicas (Tabelas 9 a 11), o que possibilitou uma análise detalhada dos diferentes temas visuais representados em cada capítulo regional do livro didático.

6. Análise qualitativa das representações: esta etapa estabelece um diálogo entre os indícios e sinais amparados no Paradigma indiciário e as ideias de luminosidade e opacidade, cunhadas por Milton Santos (1996). Foram interpretadas as representações que ganharam maior destaque (luminosidade) e aquelas que foram minimizadas ou invisibilizadas (opacidade), buscando refletir sobre o impacto dessas escolhas visuais na formação da identidade regional dos estudantes.

Com a metodologia devidamente apresentada e justificada, segue-se agora para a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa. O próximo capítulo aborda a importância das imagens nos livros didáticos, buscando compreender como esses recursos visuais participam do processo de ensino-aprendizagem da Geografia e de que forma influenciam a construção de sentidos, representações e percepções sobre o espaço geográfico e a diversidade regional brasileira

2 A IMPORTÂNCIA DAS IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Neste capítulo o objetivo é entender a relevância das imagens do livro didático para o ensino de geografia. Assim organizamos em seções que tematizam: o conjunto de pesquisas sobre o tema, para sinalizar a pujança com que esse tema vem sendo investigado e prospectar possíveis referenciais teóricos para servirem a esta pesquisa; e as imagens no livro didático, sua presença na escola e a relevância que as imagens têm na formação de ideias sobre os lugares e o mundo.

2.1 CONJUNTO DE PESQUISAS SOBRE O TEMA

Os trabalhos que se aproximam do tema desta pesquisa, são poucos, apesar de ser nítido o aumento do interesse dos trabalhos voltados ao LD e a análise das imagens. Nesse contexto os artigos e demais textos citados e referenciados abaixo, foram de suma importância para a pesquisa, isto, devido a proximidade de temas, ou seja, os trabalhos mencionados são bases para pesquisa. O critério de corte considerou como descritores da busca as expressões: Geografia, livro didático, regiões e imagens.

Dentre os trabalhos encontrados (Apêndice I), Peixoto (2020) traz em seu estudo uma investigação de como as imagens do LD de Geografia representam o Sertão e se os próprios alunos, que são do sertão, se reconhecem nelas. A pesquisa se voltou à análise de imagens de livros do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola em Delmiro Gouveia no estado de Alagoas (AL), e utilizou como metodologia a aplicação de questionários aos alunos, das quais resultaram gráficos didáticos e dados de fácil interpretação. Quanto aos resultados, indicaram que o livro do 6º ano tem poucas imagens representativas do Sertão, enquanto o do 9º ano não tem nenhuma, com os alunos do 6º ano associando o Sertão a elementos naturais e os do 9º ano destacando a necessidade de mais representações da região.

O trabalho de José Vitor Rossi Souza (2019), é entre as leituras um artigo com uma grande proximidade na linha de pesquisa. O trabalho do autor analisa a importância das imagens nos livros didáticos de Geografia, destacando como elas influenciam a construção de significados e a compreensão dos conteúdos escolares. O autor realizou o estudo em sobre dois livros didáticos do Ensino Fundamental II. Com isso, optou em categorizar as imagens em temas como economia, eventos históricos e população, revelando que essas representações podem reforçar estereótipos e preconceitos sobre diferentes localidades. E por fim, conclui que existe a necessidade de uma prática pedagógica consciente que considere as mensagens veiculadas por essas imagens,

promovendo uma abordagem crítica que combata generalizações e valorize a diversidade nos conteúdos de Geografia.

O artigo de Pedro Bernardes Pinheiro (2023) discute criticamente o papel das imagens nos livros didáticos de Geografia, analisando como esses recursos visuais são construídos e interpretados no contexto escolar. O autor propõe que as imagens não devem ser vistas apenas como ilustrações decorativas, mas sim como elementos centrais na formação do olhar geográfico dos estudantes. Sua análise destaca como essas representações visuais podem tanto reproduzir estereótipos sobre regiões e grupos sociais quanto contribuir para uma leitura mais crítica e contextualizada do espaço, dependendo da abordagem pedagógica. Pinheiro reúne diferentes correntes teóricas e pesquisas que tratam do livro didático como artefato cultural, chamando atenção para os critérios editoriais e ideológicos que orientam a seleção de imagens. Assim, sua contribuição é relevante ao evidenciar a necessidade de se explorar pedagogicamente o potencial formativo das imagens na construção de significados sobre o território e a diversidade regional no ensino de Geografia.

Já Timmers e Weppo (2017) desenvolvem uma análise semiótica sobre capas de livros didáticos de Geografia, com foco nas representações visuais que emergem desses materiais e na maneira como essas imagens constroem sentidos sobre o espaço. Utilizando os estudos de Roland Barthes como base teórica, os autores mostram que as imagens das capas veiculam mensagens simbólicas que dialogam com determinadas concepções de Geografia tradicional, crítica ou cultural e que, muitas vezes, silenciam grupos sociais historicamente marginalizados. A pesquisa evidencia que essas representações reforçam o olhar do “viajante solitário”, geralmente branco, masculino e distante da realidade vivida pelos estudantes. Ao expor como essas visualidades moldam o imaginário espacial, o artigo contribui para refletir sobre os riscos da neutralidade das imagens e a urgência de uma educação visual crítica. Essa abordagem dialoga diretamente com os objetivos da presente pesquisa, ao tratar da influência das representações visuais nos livros didáticos na formação da percepção espacial dos alunos.

Almeida (2013) traz em sua dissertação de mestrado, sobre as imagens do livro didático de geografia, muitas explicações pertinentes a presente pesquisa. A autora defende a utilização de imagens no ensino de Geografia e assenta que é um aspecto fundamental que pode potencializar significativamente o processo de aprendizagem. De acordo com Almeida (2013), muitos professores ainda limitam seu papel à simples exposição do conteúdo presente no livro didático, sem explorar o potencial comunicativo das imagens.

Essa prática pode representar uma perda significativa, especialmente em uma cultura marcada fortemente pela linguagem visual. A autora destaca a importância da qualidade das imagens e do modo como elas são utilizadas, afirmando que os bons resultados no ensino de Geografia dependem não apenas da presença das imagens, mas da capacidade do professor em usá-las com intencionalidade, conhecendo as necessidades e dificuldades dos alunos em interpretá-las. O ensino, muitas vezes, falha justamente por apresentar imagens descontextualizadas e sem função didática clara.

Nesse caminho, Almeida (2013) elucida a importância das imagens na compreensão do espaço geográfico. Deste modo, afirma que as imagens contribuem de maneira efetiva no processo de aprendizagem, ajudando alunos a entender e superar limitações na leitura e interpretação. A autora também destaca que a Geografia deve se preocupar com a leitura do espaço, e que esse ensino pode ser potencializado por meio das imagens, especialmente quando elas fazem sentido para os alunos. Ao escrever sobre o papel do livro didático, defende que esse recurso não deve ser utilizado apenas como suporte teórico, mas também como meio de explorar novas formas de linguagem e comunicação com os estudantes. Em síntese, sua reflexão aponta que a imagem é um recurso visual capaz de explicar as dinâmicas do mundo, sendo compreendida como representação do real e elemento contribuinte para a construção de informações sobre o espaço.

Diante dessas contribuições, é necessário aprofundar a análise sobre como as imagens atuam nos livros didáticos, não apenas como ilustrações, mas como construções simbólicas que influenciam a formação de sentidos no ambiente escolar.

2.2 AS IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Algumas vezes, ao utilizar o livro didático em sala de aula, as imagens acabam sendo tratadas apenas como elementos ilustrativos. No entanto, é fundamental reconhecer que os recursos visuais também operam como ferramentas de construção de sentido e podem carregar significados culturais, políticos e ideológicos. Segundo Martins (2006), os livros didáticos devem ser compreendidos como artefatos culturais que materializam discursos e ideologias, sendo essencial analisar suas dimensões discursivas e as práticas de leitura que promovem. Isso significa que a leitura das imagens no contexto escolar deve ir além da descrição formal, incorporando uma análise crítica sobre sua intencionalidade, materialidade e articulação com os conteúdos textuais.

Desse modo, compreender o papel das imagens na formação do pensamento geográfico implica tratá-las como parte integrante do discurso pedagógico e não como meros recursos visuais complementares. Afinal, a ausência de diversidade nas imagens pode contribuir para reforçar estereótipos sobre regiões específicas, como mostra Peixoto (2020) em seu estudo sobre o Sertão nordestino. Ao analisar livros didáticos usados em Delmiro Gouveia (AL), a autora constatou que as representações visuais limitam-se a elementos naturais e paisagens secas, deixando de lado aspectos humanos, sociais e culturais da região, o que contribui para uma visão reduzida e estigmatizante do espaço

Nesta circunstância, as imagens presentes nos livros didáticos não devem ser vistas apenas como elementos complementares. Renata Almeida reforça que:

Portanto, a função da imagem não é apenas de comunicar algo, mas sim de estabelecer uma relação com o mundo real e interpretá-lo, assumindo assim sua função polissêmica de transmitir grande número de informações. (Almeida, 2013, p. 53)

Dessa forma, o entendimento das imagens não se limita a uma leitura superficial, mas exige uma análise que leve em conta o contexto histórico, social e cultural no qual estão inseridas.

Por este motivo, ressalta-se a importância de entender as imagens e saber maneiras de trabalhá-las e analisá-las em sala de aula. Sardelich (2006) destaca que a leitura de imagens requer uma alfabetização visual que vá além da simples decodificação, envolvendo a compreensão crítica dos elementos visuais e seus contextos socioculturais. Nesse sentido, desenvolver a capacidade de interpretar imagens de forma crítica é essencial para que os alunos possam compreender e questionar as mensagens implícitas nos recursos visuais utilizados no ambiente educacional.. Martine Joly reforça essa perspectiva ao afirmar que:

Somos quotidianamente levados à sua utilização, decifração e interpretação. [...] A leitura natural da imagem ativa em nós convenções, de história e de cultura mais ou menos interiorizadas.(JOLY, 2007, p. 10)

Essa reflexão evidencia que a leitura de imagens não é passiva ou meramente ilustrativa, mas ativa e culturalmente condicionada. Assim, as imagens nos livros didáticos não apenas comunicam, mas também ensinam modos de ver e interpretar o mundo, podendo contribuir para a formação crítica ou, ao contrário, reforçar estereótipos.

Ao passo de entender a importância de se trabalhar as imagens como um comunicador carregado de ideologias, ou seja, uma forma de linguagem constituída por signos que, por sua vez, são ideológicos e resultantes de um processo sócio-histórico (Almeida, 2013). Neste contexto, Girola (2006) traz em seu trabalho as ideias discutidas

por Bakhtin, onde ressalta que as imagens, assim como as palavras, podem ser consideradas signos ideológicos, pois comunicam significado e carregam valores culturais e sociais. Ainda, enfatiza que para Bakhtin, o signo, seja verbal ou visual, é sempre uma construção que emerge do diálogo social. A relação entre signo e ideologia é inextricável, uma vez que a ideologia se manifesta através dos signos que utilizamos para nos comunicar. Ou seja, essas imagens não são neutras; elas estão impregnadas de história, conflitos e ideologias da sociedade em que foram produzidas.

Trabalhar com imagens sob o prisma da ideologia requer revelar as múltiplas posições possíveis em torno delas, ou seja, cada imagem pode provocar diferentes leituras e sentimentos, dependendo da bagagem cultural, da identidade e da vivência de quem a vê. Tendo em vista que as pessoas podem ou não se sentir representadas por essas imagens, o que revela disputas simbólicas por visibilidade e identidade, melhor dizendo, reforçar sentimentos de exclusão ou invisibilidade, porque nem todos os grupos sociais aparecem com a mesma frequência ou da mesma forma.

No entanto, o que não se pode fazer é aceitar a submissão a um único ponto de vista, pois os signos ideológicos estão presentes em todas as relações sociais e carregam sentidos múltiplos e, muitas vezes, conflitantes.

2.2.1 O Livro Didático na Escola

Ao adentrar o assunto sobre livros didáticos (LD), é fundamental compreender a importância que eles exercem nas salas de aula do Brasil. A utilização e a eficácia do LD estão intrinsecamente ligadas a diversos fatores, como a formação docente, a infraestrutura escolar, as diferenças culturais e a concepção didático-pedagógica adotada. Segundo Garcia, Garrido e Marconi (2017), a infraestrutura escolar abriga, sustenta e possibilita a criação e a organização de ambientes escolares de aprendizagem para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Esse estudo destaca que a infraestrutura é bem diferenciada, com grande variabilidade entre as cidades, e que essa variação também acontece dentro de uma mesma cidade, indicando que crianças de um mesmo município têm acesso e oportunidades de aprendizagem diferentes, o que pode legitimar desigualdades sociais

Esses diversos fatores moldam o uso do LD. Todavia, em muitas realidades o LD é o único material disponível para as crianças, afinal de contas é um material que passa por critérios avaliativos e é aprovado pelo PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) do

qual, depois de aprovado é distribuído para todo Brasil, logo reforça-se a importância da diversidade e representatividade presente nestes materiais didáticos.

Nesse contexto, é fundamental compreender o PNLD não apenas como um programa de distribuição de livros, mas como uma política pública estratégica de ampliação do acesso ao conhecimento escolar. Como afirma Di Giorgi et al. (2014, p. 1), “o PNLD pode constituir-se num elemento para a ampliação do capital cultural dos alunos, em especial, das camadas mais desfavorecidas da sociedade que, de modo geral, não têm acesso a livros.” Dessa forma, o livro didático assume um papel que extrapola a sala de aula, impactando também o ambiente familiar e comunitário. Ainda segundo os autores, “o livro didático, por vezes, representa a única possibilidade de leitura tanto no ambiente escolar quanto no familiar. Nesse contexto, a permanência do livro com o aluno amplia suas oportunidades de acesso ao conhecimento.” (DI GIORGI et al., 2014, p. 5). Com isso, destaca-se a importância de que o conteúdo desses livros, inclusive suas imagens, contemple uma variedade de realidades culturais, sociais e regionais, garantindo que todos os estudantes possam se ver representados e incluídos no processo de ensino-aprendizagem.

2.2.2 A força das imagens no ensino de geografia

As imagens são fortes formadores de concepções, e como demonstra Almeida (2013) em seu estudo, os alunos em suma entendem que a imagem é um meio de comunicação que facilita o estudo da ciência geográfica, assim concebendo a imagem como um recurso visual capaz de explicar a dinâmica do mundo. Ou seja, as imagens são vistas como representações da realidade que por vias contribuem para a formação do conhecimento do espaço geográfico.

Sendo assim, para entender mais a fundo a importância das imagens na criação de modos de enxergar o mundo, Rossi (2019) mostra em seu trabalho que as imagens nos livros de geografia trazem implicações na construção dos sentidos. Neste trabalho, o autor apresenta a relevância das imagens, principalmente quando ocorre a ausência de imagens representativas mais diversas, e quando analisados os dados expostos, o autor afirma que as imagens são potencializadores de ideias e discursos, mesmo que estes não sejam verídicos, servindo muitas vezes apenas para reforçar estereótipos. Indo de acordo Francischett afirma que:

Ler criticamente um mapa implica aprender, apreciar, decodificar e interpretar, analisando tanto a forma como é construído quanto o que dele se infere e como interfere na vida dos leitores, principalmente em se tratando de escolares e cujos

conteúdos representam situações concretas. (FRANCISCHETT, 2012, p.10)

Entende-se então que a imagem é utilizada para fazer ligações com o real e que ela também tem a capacidade de transmitir várias informações que podem ser interpretadas de diversas formas.

Outro ponto, é que existem diversos tipos de imagens presentes nos LD de geografia, como gráficos, artes, mapas, quadros históricos e fotografias, todos estes utilizados na tentativa de demonstrar, complementar e aguçar o entendimento do leitor. Almeida (2013) também destaca que as imagens carregam uma identidade visual semelhante à realidade, ou seja, apresentam uma reprodução da verdade visual, explicando a forte conexão que estabelecemos com o que vemos. Neste contexto, a fotografia tem um espaço diferencial, pois como a autora, a fotografia é frequentemente destacada por sua capacidade de representar uma fração do real chegando próxima à realidade, diferente da pintura, que pode distorcer a realidade e ser fruto da imaginação, a fotografia captura um instante específico do mundo real. Todavia, vale a ressalva que a fotografia acontece de acordo com a intenção e percepção do fotógrafo. Deste modo, a foto tem a subjetividade do fotógrafo e tudo que está presente nela pode alterar a forma como esta realidade é entendida.

3 “AMPLITUDE GEOGRAFIA 7”: A REPRESENTATIVIDADE REGIONAL

Neste capítulo, o objetivo é analisar as representações das regiões brasileiras nas imagens presentes nos livros didáticos. Por isso está organizado em seções que tematizam: os aspectos gerais nas imagens sobre as regiões, no livro estudado, contemplando as fotografias por unidades e capítulos e a análise das capas dos capítulos; e trazemos as categorias gerais e as subcategorias prospectadas.

3.1 ASPECTOS GERAIS NAS IMAGENS DOS LDS SOBRE AS REGIÕES

Quando se trata de regiões e da representatividade regional, é essencial compreender as proporções continentais do Brasil e suas diversidades. Segundo Matos (2019), a regionalização brasileira na primeira metade do século XX foi marcada por uma complexa teia de estudos e proposições, influenciadas por diversas correntes teóricas e políticas. A divisão regional de 1942, por exemplo, foi fundamentada no conceito de "região natural", que considerava características físicas e ambientais do território, com o propósito de organizar o espaço nacional de modo a facilitar a gestão dos recursos naturais e promover a integração territorial. Esta divisão como afirma Contel (2014) tinha o propósito de organizar o território de modo a facilitar a gestão dos recursos naturais.

Figura 1- Divisão Regional do Brasil, conforme IBGE (1942)



Fonte : Memória IBGE, 2025

A segunda de 1970, refletia uma abordagem mais complexa, onde considerava não apenas aspectos naturais, mas também sociais e econômicos. De acordo com Contel (2014) Essa divisão se deu em um contexto de regime militar e crescimento econômico no Brasil, onde havia uma demanda crescente por informações estatísticas-geográficas para orientar o planejamento econômico e social, com isso, o principal objetivo era subsidiar o planejamento econômico do governo militar, assim, observa-se que as divisões eram baseadas

em conceitos de regiões homogêneas e polarizadas, promovendo uma visão que priorizava a uniformidade socioeconômica. Ou seja, essa regionalização visava o desenvolvimento e investimentos estatais, demonstrando a necessidade de suprir a urbanização e industrialização que se intensificava.

Figura 2: Mapa do Brasil segundo divisão regional do IBGE (1970).



Fonte: Agência de Notícias IBGE, 2012

E a terceira é a mais recente regionalização feita em 1990. Esta se baseou em uma combinação de conceitos de região, incluindo aspectos culturais e históricos, além das características econômicas e sociais, utilizando assim um senso mais crítico. Contel (2014) explica que para a regionalização de 1990 o IBGE manteve alguns critérios da regionalização de 1970, mas aprimorou a metodologia incorporando conceitos como processo social, identidade regional e elementos estruturadores do espaço e também foi a primeira vez que o IBGE usou as ideias do materialismo histórico, propondo assim, uma visão mais crítica da regionalização. Neste contexto, a divisão de 1990 ajudou a valorizar as características culturais e históricas de cada região, promovendo assim um senso de pertencimento e identidade. Assim, mesmo se mantendo as 5 grandes regiões pode-se observar algumas mudanças, como mostra o mapa abaixo.

Figura 3: Divisão Regional do Brasil segundo o IBGE (1990).



Fonte: Secretaria da Educação do Paraná (SEED-PR).

Com isso, a compreensão da importância da representatividade regional nos mapas contemporâneos vai além de uma análise cartográfica, ela envolve refletir sobre os sentidos e simbolismos atribuídos aos espaços e suas formas de pertencimento. Mota (2017) explica que os sistemas simbólicos e as práticas de significações a que somos expostos é um dos fatores que moldam nossa identidade e de acordo com Sousa (2020) a representatividade nada mais é que a construção de identidade e aumento de autoestima com o auxílio de imagens importantes da mídia. Ou seja, quando existe a falta de representatividade ou práticas de significação que marginalizam grupos, povos ou regiões, temos uma negação da realidade e um ataque na formação da identidade dos indivíduos.

É importante destacar que, além da regionalização oficial adotada pelo IBGE, existem outras formas de regionalizar o território brasileiro, que consideram diferentes critérios analíticos. Entre elas, destacam-se a proposta dos “Quatro Brasis”, elaborada por Milton Santos e Maria Laura Silveira, e as Regiões Geoeconômicas. Apesar da relevância dessas abordagens, esta pesquisa adota a regionalização mais recente do IBGE, implantada em 1990, por ser o modelo predominante nos livros didáticos. Essa escolha assegura maior coerência metodológica com o objeto de estudo, uma vez que os materiais didáticos utilizados nas escolas brasileiras, em sua maioria, seguem essa divisão oficial, que se tornou referência nacional no campo educacional.

3.1.1 Aspectos das fotografias regionais no LD : por unidade e capítulos

O ponto de partida são os dados analisado de acordo com o (Apêndice II), do qual fornece alguns dados gerais, como o total de fotografias presentes em cada região, sendo : 20 da região norte ; 28 do centro-oeste, 27 do nordeste, 20 da região sudeste e 35 da região sul e com a análise a possibilidade de entendimento da estrutura que compõe o LD.

Sendo assim, a partir da Unidade 4, o livro passa a tratar especificamente das regiões brasileiras, dedicando uma unidade para cada uma delas. Essas unidades seguem uma estrutura fixa, composta por quatro capítulos organizados na mesma sequência temática: o primeiro aborda a 'Localização e Produção do Espaço'; o segundo trata da 'Dinâmica Natural'; o terceiro discute aspectos da 'Sociedade'; e o quarto capítulo é intitulado 'Produção e Economia'. Ao final de cada capítulo e de cada unidade, há uma seção de atividades com exercícios voltados à revisão e fixação dos conteúdos. Em algumas dessas atividades, o livro faz uso de imagens, que também foram consideradas na análise. As imagens presentes nas questões dos capítulos foram contabilizadas em conjunto com os conteúdos respectivos,

enquanto aquelas pertencentes às atividades finais de cada unidade foram classificadas separadamente, em uma coluna específica da tabela, vale a ressalva que as imagens das capas não estão no somatório. Neste cenário foi possível observar :

Tabela 1: Total de imagens por unidade

Região	Localização produção do espaço	Dinâmica natural	Sociedade	Produção Economia	Questões gerais da Unidade
Norte	1	6	6	4	2
Centro-Oeste	7	5	8	7	0
Nordeste	5	5	5	8	3
Sudeste	2	5	5	7	0
Sul	3	8	6	9	9

Fonte: Feito pela autora (2025)

Com isso, pôde-se ter uma visualização e entendimento da estrutura do livro didático e da forma como as imagens estão distribuídas nas unidades e capítulos, por temática e região. Esse levantamento é uma base para a etapa seguinte do trabalho, que consiste na análise interpretativa das imagens, começando pelas capas, responsáveis por introduzir simbolicamente cada região brasileira.

3.1.2 Análise das Capas

As imagens de capa das unidades regionais no livro *Amplitude Geografia 7* desempenham um papel estruturante na orientação do olhar do estudante. Por se tratarem de elementos que antecedem o conteúdo textual, elas funcionam como marcadores simbólicos que antecipam o sentido das regiões antes mesmo da leitura, influenciando a maneira como os sujeitos escolares compreendem o espaço brasileiro. Nesse sentido, sua função não é meramente ilustrativa, mas sim formadora de uma percepção geográfica e identitária. Como destaca Pinheiro (2023), as imagens nos livros didáticos são seleções ideológicas que materializam representações e discursos sobre o território, sendo necessárias abordagens críticas para que não se naturalizem os estereótipos nelas embutidos.

A imagem que representa a região Norte apresenta indígenas das etnias Tukano e Dessana durante uma manifestação cultural em Manaus. Essa escolha, embora visivelmente

voltada à valorização da diversidade étnica e cultural da Amazônia, reforça uma leitura histórica essencial, que associa a região quase exclusivamente aos povos originários e à floresta. De acordo com Silva, Silva e Brito (2024), há um padrão recorrente na seleção imagética dos livros didáticos que restringe a representação amazônica ao exótico e ao tradicional, negligenciando suas cidades, redes urbanas e os múltiplos conflitos ambientais e sociais vivenciados no cotidiano da região. Assim, a imagem contribui para uma fixação do Norte como “outro” do Brasil moderno, perpetuando uma lógica de marginalização simbólica.

Foto 4: Indígenas Tukanos e Dessana da aldeia Cipiá.. Manaus (AM), 2019.



Autoria: Marcos Amend/ Pulsar Imagens

Na região Centro-Oeste, a capa exibe a Festa do Divino em Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), valorizando a religiosidade afro-brasileira. Trata-se de uma tentativa importante de romper com a imagem hegemônica da região enquanto território exclusivamente ligado ao agronegócio e ao poder político concentrado em Brasília. No entanto, essa tentativa de deslocamento simbólico não é acompanhada por uma problematização visual mais profunda. A imagem enfatiza a tradição, mas não apresenta os contextos de resistência, às desigualdades raciais ou as lutas dos povos quilombolas e camponeses da região. Como argumenta Freisleben (2024), as fotografias em livros didáticos devem ser integradas ao conteúdo geográfico de forma crítica, para que não se tornem apenas enfeites culturais, mas promovam uma leitura ativa e reflexiva do espaço.

Foto 5: Festa do Divino. Vila Bela da Santíssima TRindade (MT), 2014



Fonte: Marco Antônio SÁ/ Pulsar Imagens

A capa da região Nordeste apresenta foliões em uma apresentação de maracatu em Olinda (PE), reproduzindo um imaginário consolidado sobre a região: um lugar festivo, colorido, de cultura popular efusiva. Embora a manifestação cultural seja um elemento legítimo e identitário, há uma invisibilização de outras faces da região, como seus centros urbanos complexos, os desafios relacionados à seca, à desigualdade socioespacial e aos fluxos migratórios. Pauli e Nunes (2022) alertam que o uso de fotografias nos livros didáticos deve ir além da função de ilustração; elas devem provocar o pensamento crítico sobre o lugar, mobilizando múltiplas dimensões da realidade vivida pelos sujeitos retratados. No caso analisado, a imagem do maracatu reforça uma ideia folclorizada do Nordeste, ancorada mais no passado do que no presente dinâmico e conflitivo da região.

Foto 6: Foliões em apresentação de maracatu durante o Carnaval. Olinda (PE), 2020.



Fonte : iStockphoto.com

A região Sudeste, por sua vez, é representada por um painel urbano do artista Kobra, localizado no Rio de Janeiro, que retrata nativos dos cinco continentes. A opção estética é sofisticada e contemporânea, mas carrega também riscos simbólicos. Ao utilizar uma arte mural que estiliza rostos diversos como metáfora para a multiculturalidade, o livro dilui as tensões concretas que marcam a metrópole carioca, como a desigualdade territorial, a violência urbana e o racismo estrutural. Segundo Pinheiro (2023), a estética pode operar como forma de silenciamento dos conflitos, quando descolada dos sujeitos sociais reais e das estruturas que produzem as desigualdades no espaço urbano.

Foto 7: Detalhes do painel Etnias, de Kobra. A obra representa nativos dos cinco continentes. Rio de Janeiro (RJ), 2020.



Autoria: KOBRA, Eduardo/AUTVIS, Brasil, 2022. Fonte: Ismar Ingber/ Pulsar Imagens

Por fim, a imagem da região Sul mostra a apresentação do Boi de Mamão, manifestação tradicional do litoral paranaense. Esta escolha busca superar a leitura eurocentrada que por vezes caracteriza a representação da região, oferecendo um olhar mais próximo da cultura popular local. No entanto, essa tentativa ainda se restringe a uma abordagem patrimonializada e turística da cultura, que tende a invisibilizar outras presenças, como os povos indígenas (Kaingang, Guarani), os migrantes recentes e as periferias urbanas das capitais sulinas. Freisleben (2024) ressalta que é papel do professor e do material didático estimular nos estudantes uma leitura que relacione as imagens às práticas sociais reais e aos conflitos espaciais em curso.

Foto 8: Apresentação de Boi de Mamão. Antonina (PR), 2017.



Fonte: Gerson Gerloff/ Pulsar Imagens

Em síntese, a análise das capas revela um padrão de representação que privilegia o visualmente atrativo, o tradicional e o festivo, em detrimento do contraditório, do urbano e do estrutural. Ao tratar o espaço geográfico como paisagem decorativa, os materiais didáticos perdem a oportunidade de formar sujeitos críticos, conscientes da complexidade do território em que vivem. Como conclui Pinheiro (2023), é imprescindível que os livros didáticos assumam um compromisso ético com a representação plural e politizada do espaço, fugindo das armadilhas da neutralidade visual e do estetismo despolitizado.

3.2 CATEGORIAS GERAIS ANALÍTICAS

Para compreender as categorias propostas nesta análise, é fundamental considerar que, segundo Almeida(2013), as imagens são compostas por múltiplos signos que incorporam diversos códigos e sentidos. Esses códigos não devem ser interpretados apenas com base na emoção estética ou na descrição visual superficial, mas sim por meio de uma abordagem interpretativa. Assim, nesta pesquisa, a análise das imagens está pautada em uma perspectiva hermenêutica, voltada à compreensão dos sentidos expressos, considerando o contexto, a intenção e a subjetividade envolvidos em sua produção e recepção.

Para que essa interpretação fosse possível, foi necessário recorrer a conceitos-chave da Geografia que possibilitam compreender como o espaço é representado nas imagens. Nesse sentido, os fundamentos teóricos sobre paisagem foram essenciais para categorizar os elementos visuais de acordo com seus significados culturais, naturais e econômicos.

Neste contexto, adotou a forma analítica clássica, para distinção entre paisagem natural e paisagem cultural, tal como apresentada por Silveira (2009), a paisagem natural é

caracterizada por elementos físicos como relevo, vegetação, rios, lagos e formações geológicas, enquanto a paisagem cultural envolve as transformações realizadas pela ação humana, presentes em espaços urbanos e rurais. Contudo, conforme destaca Porto-Gonçalves (2006), a noção de natureza é sempre uma construção social, carregada de interesses e disputas simbólicas. Nesse sentido, mesmo o que se considera “natural” está impregnado por escolhas políticas e culturais, o que desfaz a ideia de uma natureza absolutamente intocada e neutra. Portanto, embora a categorização entre natural e cultural seja útil para a análise, ela não ignora que ambas são igualmente produzidas socialmente.

Nessa perspectiva, Santos (1996) destaca que a paisagem não é uma entidade fixa. Cada nova prática social transforma o espaço e gera novas paisagens, que refletem as necessidades, valores e interesses de seu tempo. Isso significa que, mesmo o que parece “natural”, carrega marcas de intervenções humanas, materiais ou simbólicas. Todavia, entende-se que existe uma complexidade maior nestes contexto, assim como afirma Porto-Gonçalves (2006) que a globalização impõe novas lógicas de apropriação do território, promovendo a reconfiguração das paisagens naturais em função de usos econômicos. Nesse contexto, surgem formas espaciais voltadas à produção, ao consumo e ao controle, que também devem ser consideradas representações da paisagem.

Esclarecidos esses fundamentos, coube à pesquisa definir categorias analíticas que possibilita uma leitura crítica das imagens do livro didático. As categorias foram estruturadas em três grupos principais: Paisagens Naturais, Paisagens Culturais e Paisagens Culturais Econômicas. Essa classificação se baseia nos referenciais discutidos e visa identificar as diferentes formas de representação do espaço brasileiro, reconhecendo os sentidos ideológicos, culturais e econômicos que essas imagens podem transmitir

Dentro destes dizerem, pode-se separar as características das paisagem presentes no livros de acordo com a tabela abaixo:

Quadro 1: Categorias Gerais

Tipo de Paisagem	Características principais
Paisagem Natural	Sem interferência visível do ser humano.
Paisagem Cultural	Qualquer transformação feita pelo ser humano, inclusive religiosa, simbólica, histórica.
Paisagem Cultural Econômica	Transformações com objetivo de produção, circulação ou consumo de bens/serviços.

Fonte: Feito pela autora (2025)

Essas categorias auxiliarão na análise da frequência com que aparecem, permitindo identificar quais delas se destacam em cada região brasileira. Nesse sentido, o conteúdo das imagens, sua repetição e a quantidade presente no livro didático constituem indicadores relevantes para compreender como as regiões do Brasil estão sendo representadas. Essa análise possibilita identificar a representatividade regional no caso estudado.

Tabela 2: Paisagens gerais da região Norte

Capítulos	Paisagem Cultural	Paisagem Cultural Econômica	Paisagem Natural
Localização produção do espaço	1	0	0
Dinâmica Natural	2	1	3
Sociedade	6	0	0
Produção econômica	0	4	0
Questões gerais da unidade	0	2	0
Total	9	7	3

Fonte: Feito pela autora (2025)

Tabela 3: Paisagens gerais da região Centro-Oeste

Capítulos	Paisagem Cultural	Paisagem Cultural Econômica	Paisagem Natural
Localização produção do espaço	3	3	1
Dinâmica Natural	0	1	4
Sociedade	5	3	0
Produção econômica	0	7	0
Questões gerais da unidade	0	0	0
Total	8	14	5

Fonte: Feito pela autora (2025)

Tabela 4: Paisagens gerais da região Nordeste

Capítulos	Paisagem Cultural	Paisagem Cultural Econômica	Paisagem Natural
Localização e produção do espaço	1	3	1
Dinâmica Natural	0	0	5
Sociedade	5	0	0
Produção econômica	0	8	0
Questões gerais da unidade	0	1	2
Total	6	12	8

Fonte: Feito pela autora (2025)

Tabela 5 : Paisagens gerais da região Sudeste

Capítulos	Paisagem Cultural	Paisagem Cultural Econômica	Paisagem Natural
Localização produção do espaço	1	1	0
Dinâmica Natural	0	3	2
Sociedade	4	1	0
Produção econômica	0	7	0
Questões gerais da unidade	0	0	0
Total	5	12	2

Fonte: Feito pela autora (2025)

Tabela 6: Paisagens gerais da região Sul

Capítulos	Paisagem Cultural	Paisagem Cultural Econômica	Paisagem Natural
Localização produção do espaço	3	0	0
Dinâmica Natural	0	4	3

Sociedade	5	1	0
Produção econômica	0	9	0
Questões gerais da unidade	3	1	5
Total	11	15	8

Fonte: Feito pela autora (2025)

Com base nos dados sistematizados nas Tabelas 3 a 7, observa-se uma distribuição desigual das imagens entre as regiões brasileiras no livro. A Região Sul foi a mais representada, com um total de 34 imagens (27,2%), das quais 11 (8,8%) correspondem à categoria de Paisagem Cultural, 15 (12%) à Paisagem Cultural Econômica e 8 (6,4%) à Paisagem Natural. Em seguida, aparecem as regiões Centro-Oeste, com 27 imagens (21,6%), e Nordeste, com 26 imagens (20,8%), com destaque para a presença relativamente equilibrada entre as três categorias. Já as regiões Norte e Sudeste foram as menos representadas, ambas com apenas 19 imagens (15,2% cada).

No caso do Sudeste, chama atenção a escassez de Paisagens Naturais (apenas 2 imagens, 1,6%) e a ausência de registros na seção “questões gerais da unidade”, o que contrasta com sua relevância econômica, populacional e urbana no cenário nacional. Além dessas disparidades regionais, o dado que mais se sobressai é a alta frequência da categoria Paisagem Cultural Econômica, que corresponde a 48,0% do total de imagens analisadas. Este valor é 16,8% superior ao da Paisagem Cultural (31,2%) e 27,2% superior ao da Paisagem Natural (20,8%).

Isso revela uma preferência editorial por imagens que representam manifestações tradicionais, simbólicas e históricas, como festas populares, patrimônios e identidades regionais, em detrimento de representações contemporâneas, urbanas ou conflitivas. Portanto, os dados indicam não apenas a valorização de determinadas regiões, como o Sul, mas também uma construção visual que reforça um imaginário cultural tradicional do Brasil, contribuindo para uma representação parcial e idealizada do espaço geográfico nacional no contexto escolar.

3.3 SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE

A criação de subcategorias analíticas nesta pesquisa fundamenta-se na compreensão de que as imagens atuam como múltiplos signos, exigindo uma leitura que

supere a mera descrição (Almeida, 2013). Essa divisão específica permite captar nuances dos elementos representados, aprofundando a análise qualitativa.

A abordagem está em consonância com o Paradigma Indiciário, de Ginzburg (1989), que valoriza a leitura de pequenos detalhes ou indícios como porta de acesso a significados culturais e sociais não evidentes. Nesse processo, aspectos visíveis, ausentes ou sutis das imagens são interpretados como vestígios das escolhas editoriais, com implicações simbólicas e formativas. Essa perspectiva também é adotada no campo da educação geográfica, conforme afirmam Andreis e Claudino (2024, p. 215), ao destacarem que o paradigma indiciário permite “problematizar o que se mostra e o que se esconde”, possibilitando a identificação de sentidos muitas vezes invisibilizados na materialidade dos registros escolares.

As subcategorias utilizadas nesta pesquisa foram organizadas a partir da observação detalhada dos elementos visuais e seus contextos, e inspiram-se na sistematização apresentada por Rossi (2019), que propõe categorias abrangendo dimensões naturais, culturais, econômicas e sociais do espaço geográfico. Com base nisso, foram definidas três categorias principais: paisagem natural, paisagem cultural e paisagem cultural econômica, cada uma desdobrada em subcategorias como vegetação, hidrografia, relevos, festas populares, atividades produtivas, patrimônio histórico, entre outras.

Essas classificações permitiram uma leitura mais refinada das imagens e seus significados no interior dos capítulos regionais do livro didático, contribuindo para compreender os padrões simbólicos de visibilidade e invisibilidade construídos pelas representações.

Nesse sentido, a leitura crítica das imagens ganha força quando compreendemos, como propõe Milton Santos (1996), que a paisagem é um resultado dinâmico das ações humanas, marcada por vestígios de processos sociais e históricos. Assim, cada imagem analisada expressa uma visão de mundo, um recorte do espaço em transformação que influencia diretamente a formação da identidade territorial e cultural dos estudantes.

Quadro 2: Categorização das subcategorias

Categorias gerais	Subcategorias Temáticas	Descrição
Paisagem natural	fauna e flora	Paisagens naturais como florestas, matas, serras, morros, campos e vegetação nativa sem

		interferência humana direta e animais em seus habitats naturais
	Hidrografia	Rios, lagos, cachoeiras e cursos d'água
	Relevos	Formações elevadas e acidentadas do relevo natural, como serras, vales e chapadas
Paisagem Cultural	Festas populares e eventos culturais	Manifestações culturais e religiosas, como festas, celebrações, romarias.
	Povos tradicionais e comunidades locais	Representações de etnias, aldeias, quilombos e comunidades tradicionais.
	Patrimônios históricos	Casarios, igrejas, monumentos, pratos, vestimentas, edifícios históricos, etc.
	Cotidiano urbano e práticas sociais"	Cenas da vida cotidiana e práticas sociais urbanas não produtivas.
Paisagem Cultural Econômica	Setores Econômicos, Primário, secundário e terciários	Enquadram-se os setores primário, secundário (indústria) e terciário (prestação de serviço)
	Dinâmicas do espaço	Urbanização e estrutura territorial, mostra o uso funcional do território urbano como reflexo da produção e políticas ex: imagens de centros urbanos
	Degradação ambiental e problemáticas socioespaciais	Efeitos colaterais da lógica produtiva (desmatamento, queimadas, deslizamentos, desigualdade social, acesso à saúde, educação e a terras, entre outras problemáticas atuais.)

Fonte: Feito pela autora (2025)

Vale ressaltar que a análise das imagens nesta pesquisa foi conduzida de forma contextualizada, considerando não apenas os elementos visuais em si, mas também o capítulo temático em que cada fotografia está inserida, a legenda que a acompanha e a função didática que desempenha dentro da narrativa do livro. Como observa Almeida (2013, p.41), as imagens “devem ser compreendidas dentro de sistemas de significação que envolvem texto, contexto e intenção pedagógica”, o que implica reconhecer sua participação ativa na construção dos sentidos geográficos que o material didático transmite.

Nesse sentido, a categorização das representações visuais não se limita à aparência ou conteúdo explícito da imagem, mas leva em conta o discurso geográfico que a envolve. Uma mesma fotografia pode assumir significados distintos dependendo do modo como é inserida na estrutura do livro. Por exemplo, uma imagem de desmatamento ou queimada classificada como Paisagem Cultural Econômica quando vinculada à exploração de recursos naturais, à lógica do agronegócio ou ao avanço de fronteiras produtivas, pode, em outro contexto, ser interpretada como Paisagem Cultural se enfatizar os impactos sociais, simbólicos ou territoriais sobre comunidades locais. Isso reforça a necessidade de uma leitura relacional e interpretativa, conforme propõe a abordagem hermenêutica adotada neste estudo.

Essa perspectiva também dialoga com a concepção de que “a paisagem é um conjunto de formas que expressam as heranças técnicas e culturais de um tempo passado” (Santos, 1996, p.63), sendo, portanto, inseparável das relações sociais que a constituem. A paisagem, neste sentido, não é estática, mas carrega as marcas das contradições e disputas do espaço geográfico. Complementando essa visão Porto-Gonçalves (2006), enfatiza que o espaço e a paisagem não são neutros, mas resultantes de disputas e escolhas sociais sobre o que se conservar ou explorar. Em consonância, Pinheiro (2023) enfatiza que as imagens nos livros didáticos não são apenas ilustrações neutras, mas operam como formas de discurso geográfico, sendo instrumentos de mediação cultural, simbólica e ideológica, o que justifica a inclusão de subcategorias temáticas capazes de captar a complexidade das representações visuais analisadas.

Tabela 7: Subcategorias Paisagens Naturais

	Subcategorias	Norte	Centro- Oeste	Nordeste	Sudeste	Sul
Categoria geral paisagens	fauna/flora	0	1	4	0	6
	hidrografia	1	2	2	0	1

naturais	relevo	2	2	2	2	1
-----------------	--------	---	---	---	---	---

Fonte: Feito pela autora (2025)

Tabela 8: Subcategorias Paisagens Culturais

	Subcategorias	Norte	Centro- Oeste	Nordeste	Sudeste	Sul
Categoria geral paisagens culturais	Festas populares e eventos culturais	3	3	3	1	3
	Povos tradicionais e comunidades locais	1	2	0	0	1
	Patrimônios históricos	3	3	1	3	5
	Cotidiano urbano e práticas sociais	2	0	2	1	2

Fonte: Feito pela autora (2025)

Tabela 9: Subcategorias Paisagens Culturais Econômicas

	Subcategorias	Norte	Centro- Oeste	Nordeste	Sudeste	Sul
Categoria geral paisagens cultural econômica	Setor econômico primário	3	8	7	4	5
	Setor econômico secundário	2	0	1	2	2
	Setor econômico terciário	0	0	3	4	4
	Dinâmicas do espaço	1	5	1	0	4
	Degradação ambiental e problemáticas socioespaciais	1	1	0	2	0

Fonte: Feito pela autora (2025)

A análise das subcategorias temáticas nos capítulos regionais do livro LD revela uma distribuição desigual de temas, tanto em frequência quanto em profundidade, evidenciando preferências que contribuem para uma representação parcial do território brasileiro. As subcategorias mais recorrentes foram aquelas ligadas à cultura simbólica tradicional, como festas populares e eventos culturais, patrimônios históricos e comunidades tradicionais. A Região Norte apresenta 3 imagens de festas, 1 de povos tradicionais e 3 de patrimônio histórico; o Centro-Oeste, 3 de festas, 2 de povos e 3 de patrimônio histórico; o Nordeste, 3 de festas, 0 de povos e 1 de patrimônio histórico; o Sudeste conta com 1 imagem de festa e 3 de patrimônio; e o Sul apresenta 3 imagens de festas, 1 de povos e 5 de patrimônio histórico.

Já as subcategorias da paisagem natural aparecem com maior frequência nas regiões Sul (6 imagens de fauna e flora, 1 de hidrografia e 1 de relevo), Nordeste (4 de fauna e flora, 2 de hidrografia e 2 de relevo) e Centro-Oeste (1 de fauna e flora, 2 de hidrografia e 2 de relevo). Em contrapartida, o Sudeste não apresenta nenhuma imagem de fauna e flora, além de também não conter registros de hidrografia, o que é particularmente significativo ao se considerar a relevância ecológica e hidrográfica da região. Essa ausência de representações naturais não apenas omite a diversidade ambiental dessas áreas, como também silencia possíveis problemáticas territoriais relacionadas à poluição, ao desmatamento e à degradação dos recursos hídricos.

A subcategoria “cotidiano urbano e práticas sociais” aparece de forma pontual e assimétrica: 2 imagens no Norte, 2 no Nordeste, 1 no Sudeste e 2 no Sul, estando ausente no Centro-Oeste. A baixa presença dessas cenas, frequentemente desprovidas de qualquer problematização crítica, confirma a ausência de uma leitura urbana comprometida com a realidade social dos sujeitos, como apontam Callai (2010) e Timmers e Weppo (2017). A invisibilização das práticas cotidianas, especialmente nas regiões Centro-Oeste e Sul, evidencia o silenciamento de dinâmicas contemporâneas e urbanas que constituem o espaço vivido.

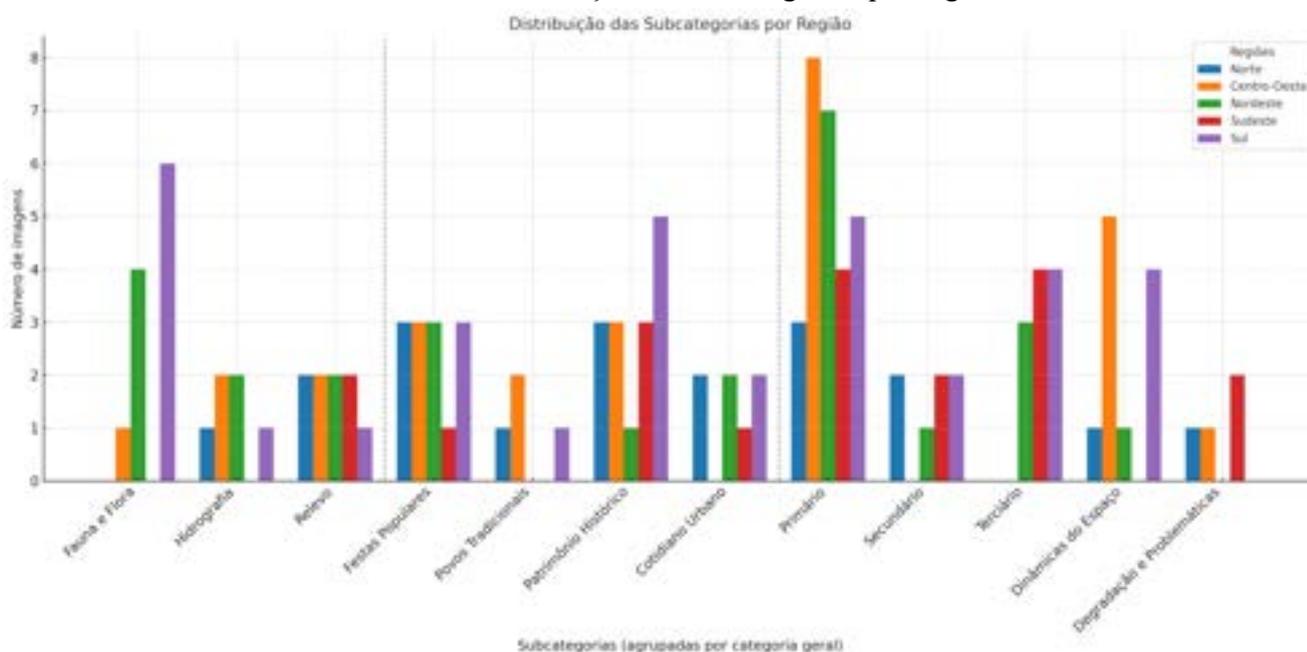
No campo econômico, o setor primário domina as representações visuais: 8 imagens no Centro-Oeste, 7 no Nordeste, 5 no Sul, 4 no Sudeste e 3 no Norte. O setor secundário aparece apenas no Norte (2 imagens), Sudeste (2) e Sul (2), enquanto o terciário está presente apenas no Nordeste (3), Sudeste (4) e Sul (4), estando ausente no Norte e no Centro-Oeste. Esse padrão reforça uma visão produtivista e ruralizada do Brasil, com forte presença do setor primário em todas as regiões, e revela o apagamento da diversidade das atividades econômicas, especialmente nas regiões menos representadas.

Como afirmam Almeida (2013) e Pinheiro (2023), as imagens didáticas não são neutras: elas operam como discursos geográficos que reforçam certos imaginários e silenciam outros.

A subcategoria “dinâmicas do espaço” aparece em todas as regiões, mas de forma bastante desigual: 5 imagens no Centro-Oeste, 4 no Sul, 1 no Norte, 1 no Nordeste e nenhuma no Sudeste.

Já a subcategoria “degradação ambiental e problemáticas socioespaciais”, um dos temas mais críticos da realidade territorial brasileira, é praticamente invisível: aparece em apenas 1 imagem no Norte, 1 no Centro-Oeste e 2 no Sudeste, estando ausente no Nordeste e no Sul. Ao ocultar os impactos ambientais da lógica produtivista, o livro reduz o potencial formativo da imagem dentro de um ensino de uma geografia crítica.

Gráfico 1 - Distribuição de Subcategorias por região



Fonte: Feito pela autora (2025)

A observação do Gráfico 1 permite visualizar com mais clareza as assimetrias na distribuição das subcategorias de imagens por região. Nota-se uma forte concentração de representações culturais e produtivas em detrimento de aspectos naturais e problematizadores do território. A subcategoria “fauna e flora”, por exemplo, aparece com destaque apenas na região Sul, enquanto está ausente em regiões como o Norte e o Sudeste, onde há significativa diversidade ecológica e problemas ambientais. O mesmo ocorre com a “hidrografia”, que praticamente não figura no Sudeste, apesar da relevância hidrográfica da região.

A predominância das imagens relacionadas ao setor primário da economia em todas as regiões reforça a construção de um Brasil essencialmente rural e produtivista, enquanto atividades do setor terciário, mais urbanas e contemporâneas, são pouco representadas. Além disso, a ausência ou baixa frequência das subcategorias “cotidiano urbano” e “degradação ambiental e problemáticas socioespaciais” sugere uma tendência editorial à neutralização de conflitos e à invisibilização de desigualdades territoriais. Essa seleção imagética, ao privilegiar manifestações tradicionais, paisagens naturais idealizadas e atividades econômicas específicas, limita o potencial formativo do livro didático ao restringir o olhar crítico sobre a complexidade do território brasileiro.

4 LUMINOSIDADES E OPACIDADES NA REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO BRASILEIRO

Neste capítulo, o objetivo é analisar criticamente as representações fotográficas presentes no livro *Amplitude Geografia 7*, considerando seu papel no contexto educacional. A investigação parte de uma abordagem qualitativa com base hermenêutica e indiciária, orientada pelos conceitos de luminosidade e opacidade propostos por Milton Santos (1996), que auxiliam na identificação dos elementos que são destacados ou silenciados nas imagens. As fotografias são tratadas como indícios visuais de escolhas editoriais e ideológicas, permitindo a leitura dos sentidos subjacentes aos discursos espaciais apresentados no material didático.

A estrutura da análise desenvolve-se em três momentos. Primeiramente, são apresentados os conceitos de luminosidade e opacidade e a metodologia adotada para a análise. Em seguida, analisam-se, de forma específica, as imagens de capa e, posteriormente, as imagens das unidades. Por fim, examina-se o conjunto geral das representações, construindo-se uma leitura crítica da composição imagética da obra e de suas implicações para a formação do olhar geográfico dos estudantes.

4.1 ANÁLISE DAS IMAGENS: LUMINOSIDADES E OPACIDADES REGIONAIS

A análise das imagens presentes no livro *Amplitude Geografia 7*, com base nas categorias analíticas construídas e nos dados extraídos das tabelas, foi orientada por uma abordagem qualitativa de caráter hermenêutico e indiciário, que busca interpretar os sentidos subjacentes às representações imagéticas e identificar os indícios reveladores das relações de poder simbólico expressas nos livros didáticos. O conceito de *luminosidade e opacidade*, desenvolvido por Milton Santos (1996), constitui o eixo central desta interpretação. Para o autor, os elementos que compõem o espaço geográfico não possuem a mesma visibilidade simbólica: há aqueles que brilham e se impõem ao olhar e outros que permanecem silenciados. Essa lógica de visibilidade desigual tem efeitos concretos sobre a forma como os territórios são percebidos e apreendidos pelos estudantes.

No campo metodológico, esta análise também se apoia na proposta de Carlo Ginzburg (1989), ao adotar o paradigma indiciário como forma de leitura dos vestígios deixados pelas imagens. Nesse sentido, cada representação visual foi tomada como uma pista, um sintoma de escolhas editoriais e ideológicas que moldam a forma como o território brasileiro é apresentado. A leitura hermenêutica, por sua vez, busca compreender os sentidos mais profundos atribuídos às paisagens representadas, articulando a imagem a seu contexto de

produção e circulação pedagógica, conforme defende Gadamer (1999), para quem a compreensão se dá na fusão de horizontes entre o observador e o objeto observado.

4.1.1 As Imagens de Capa como Síntese Simbólica Regional

As imagens de capa das unidades regionais no LD funcionam como sínteses visuais que antecedem os conteúdos de cada unidade, influenciando a forma como o estudante compreende e representa simbolicamente cada região brasileira. Como aponta Pinheiro (2023), as imagens nos livros didáticos não são meramente ilustrativas: elas selecionam, organizam e comunicam discursos sobre o território, atuando como dispositivos ideológicos que estruturam a percepção espacial. Dessa forma, torna-se fundamental compreender o que cada capa ilumina e o que mantém nas sombras.

A Região Norte é representada por indígenas Tukanos e Dessana durante uma manifestação cultural em Manaus. Embora valorize a diversidade étnica da Amazônia, essa escolha reforça uma imagem cristalizada e exótica da região, centrada na floresta e nos povos originários. Como destacam Silva, Silva e Brito (2024), é comum nos livros didáticos a limitação da Amazônia a aspectos tradicionais, invisibilizando as cidades, as redes urbanas e os conflitos ambientais e sociais contemporâneos.

A imagem do Centro-Oeste traz a Festa do Divino, em Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), exaltando a religiosidade afro-brasileira. A escolha amplia a representação simbólica da região, tradicionalmente associada ao agronegócio e à política institucional. No entanto, como alerta Freisleben (2024), a ausência de problematização crítica pode fazer com que a imagem atue mais como enfeite do que como elemento formativo. Faltam marcas visuais que expressam os conflitos territoriais, a desigualdade fundiária e as lutas sociais presentes na região.

No caso do Nordeste, a imagem de foliões em uma apresentação de maracatu, em Olinda (PE), reitera uma representação histórica e festiva da região. Essa visualidade, embora legítima, contribui para uma folclorização do espaço nordestino, desconsiderando os impactos sociais da seca, das migrações, da pobreza urbana e dos conflitos territoriais. Almeida (2013) aponta que imagens assim, ao serem tratadas apenas como elementos decorativos, deixam de instigar a reflexão sobre os processos sociais que produzem o espaço, reforçando visões estereotipadas e despolitizadas. De forma semelhante, Rossi (2019) evidencia que a repetição de cenas culturais tradicionais nos livros didáticos tende a ocultar as transformações contemporâneas das regiões. Pauli e Nunes (2022) também argumentam que a estetização das

manifestações populares sem articulação com o cotidiano local dos estudantes pode gerar uma leitura descomprometida com os desafios sociais e espaciais vividos nas diferentes regiões.

A imagem da Região Sudeste apresenta uma obra de arte urbana, o painel Etnias, do artista Kobra, localizado no Rio de Janeiro. A escolha rompe parcialmente com os padrões tradicionais ao valorizar a diversidade étnica e a estética contemporânea, mas ainda assim corre o risco de esvaziar o conteúdo crítico e se descolar da realidade concreta da metrópole. Como alerta Pinheiro (2023), há uma tendência à estetização das desigualdades, que pode silenciar os sujeitos reais e os conflitos urbanos que estruturam o espaço.

Por fim, a capa da Região Sul apresenta o Boi de Mamão, manifestação tradicional do litoral catarinense, registrada em Antonina (PR), reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial em Florianópolis. A imagem preserva um importante traço da identidade regional, com raízes açorianas, e cumpre papel relevante na transmissão de valores culturais e históricos às novas gerações. No entanto, embora valorize a tradição, a imagem reforça uma estética pacificada e harmônica, ausentando tensões urbanas, sujeitos indígenas ou quilombolas, e problemas sociais contemporâneos.

A leitura indiciária revela que, mesmo em manifestações culturais legítimas, o livro mantém uma lógica de apagamento das contradições, como observa Santos (1996) ao discutir a opacidade das representações espaciais. Assim, o conjunto das imagens de capa revela uma tendência à valorização do simbólico, do tradicional e do festivo, em detrimento dos aspectos urbanos, conflituosos e sociais. Como reforça Almeida (2013), às imagens nos livros didáticos são portadoras de significados ideológicos e, por isso, devem ser lidas criticamente. Elas não apenas ilustram conteúdos, mas estruturam visões de mundo e, por isso, precisam ser trabalhadas pedagogicamente como instrumentos de leitura do território e das suas contradições.

4.1.2 Imagens das Unidades

Ao observar a distribuição das imagens nas unidades, a análise quantitativa revela desequilíbrios significativos entre as regiões brasileiras, o que aponta para padrões simbólicos de visibilidade e invisibilidade. Como alertam Timmers e Weppo (2017), os livros didáticos operam com uma valorização seletiva das imagens, que contribui para a construção de um imaginário geográfico baseado em estereótipos, silenciamentos e reforço de paisagens idealizadas.

No caso da Região Norte, as imagens de paisagens naturais (Tabela 7) totalizam 3 registros: 1 de hidrografia e 2 de relevo, sem nenhuma imagem relacionada à fauna e flora.

Na paisagem cultural (Tabela 8), destacam-se 3 imagens de festas populares, 1 de povos tradicionais e 3 de patrimônios históricos. Já nas imagens de paisagem cultural econômica (Tabela 9), há 3 representações do setor primário, 2 do setor secundário, além de 1 imagem de dinâmicas do espaço e 1 de degradação ambiental e problemáticas socioespaciais. Embora haja registros que aludem à presença da floresta e de povos indígenas, a ausência de cenas urbanas, centros metropolitanos e complexidades socioambientais contribui para uma opacidade simbólica que cristaliza a ideia de um território estático, exótico e à margem da modernidade, como discutem Silva, Silva e Brito (2024). Essa ocultação de realidades urbanas, sociais e ambientais reforça o que Milton Santos (1996) denomina de *opacidades do espaço*: aspectos conflitivos, contraditórios e problematizadores que permanecem silenciados na representação geográfica escolar. Ao ocultar os impactos ambientais da lógica produtivista, o livro reduz o potencial formativo da imagem como ferramenta crítica.

No Centro-Oeste, a predominância é de imagens vinculadas ao setor primário (8 imagens, Tabela 9), além de representações de festas populares (3), patrimônios históricos (3) e paisagens naturais (5 imagens: 1 de fauna e flora, 2 de hidrografia e 2 de relevo – Tabela 7). Observa-se, no entanto, a ausência de imagens relacionadas ao setor secundário, terciário e ao cotidiano urbano. Como destaca Oliveira (2012), a omissão de conflitos fundiários, avanço do agronegócio ou questões ambientais nessa representação favorece uma paisagem que parece pacífica e funcional, produzindo uma luminosidade seletiva que exhibe o tradicional e oculta as tensões que atravessam a região.

A Região Nordeste, por sua vez, conta com uma distribuição variada nas subcategorias: são 8 imagens nas categorias naturais (4 de fauna e flora, 2 de hidrografia e 2 de relevo), 6 imagens culturais (3 de festas populares, 1 de patrimônio histórico e 2 de cotidiano urbano) e 11 imagens culturais econômicas, com destaque para o setor primário (7) e o terciário (3). Essa diversidade não se traduz, contudo, em uma representação crítica. Temas como a seca, migrações ou desigualdades socioespaciais estão ausentes. Como apontam Almeida (2013) e Pauli e Nunes (2022), essa ênfase em manifestações culturais pode contribuir para uma folclorização visual da região, que naturaliza uma visão festiva e tradicional, reforçando estereótipos em detrimento de uma leitura crítica da paisagem nordestina.

A Região Sudeste, mesmo sendo a mais urbanizada do país, apresenta apenas 3 imagens relacionadas a aspectos urbanos e problematizadores: 1 de cotidiano urbano e 2 de degradação ambiental e problemáticas socioespaciais (Tabelas 10 e 11). As demais imagens concentram-se em patrimônios históricos (3), atividades econômicas do setor primário (4) e

do setor terciário (4), além de 2 registros de relevo nas paisagens naturais. A ausência de imagens de fauna e flora e de hidrografia é significativa, considerando a complexidade ambiental da região. Há, portanto, uma baixa luminosidade sobre a metrópole contemporânea, seus conflitos sociais, informalidade e contrastes. Para Callai (2010), essa ausência fragiliza a função pedagógica da imagem, que deveria favorecer a compreensão crítica das realidades vividas pelos estudantes.

Na Região Sul, os dados indicam uma forte presença de imagens culturais: são 5 imagens de patrimônios históricos, 3 de festas populares e 1 de povos tradicionais (Tabela 8). Também aparecem com destaque o setor primário (5) e o terciário (4), além de registros naturais (6 imagens de fauna e flora, 1 de hidrografia e 1 de relevo). No entanto, não há qualquer imagem associada à degradação ambiental, à densidade urbana ou a sujeitos subalternos. O predomínio de representações associadas à colonização europeia, ao patrimônio arquitetônico e às festas folclóricas constrói uma paisagem luminosamente homogênea, pacificada e eurocentrada. Como explica Santos (1996), a invisibilização de tensões e diferenças produz uma opacidade que impede a valorização da diversidade regional.

Assim, as imagens das unidades não apenas reforçam desigualdades na visibilidade entre as regiões, como também constroem narrativas seletivas sobre o Brasil, dificultando a formação de uma visão crítica e plural do território. Elas não mostram apenas o que existe, mas o que se escolhe mostrar, e esse filtro visual atua diretamente na construção de luminosidades e opacidades simbólicas, nos termos propostos por Milton Santos (1996). A luminosidade recai sobre paisagens consideradas típicas ou desejáveis como festas, natureza exuberante e patrimônio histórico, enquanto a opacidade recobre sujeitos e temas socialmente marginalizados, como desigualdades urbanas, conflitos fundiários ou populações periféricas. A seguir seguem as imagens que o livro apresenta, e que, nitidamente demonstram estes problemas socioespaciais.

Foto 9: Casas destruídas após deslizamento em encostas



Fonte: Erica martin/the news/Folhapress

Foto 9: Deslizamento em periferia



Fonte: Rivaldo Gomes/Folhapress

Foto 10: Área de desmatamento



Fonte: Marcos Amend/ Pulsar imagens

Foto 11: Vista aérea de área desmatada em meio a floresta amazônica.



Fonte: André Did/ Pulsar imagens

Ao visualizar as imagens cabe reconhecer essa seletividade, da qual é essencial para que o ensino de Geografia mobilize uma leitura crítica das imagens e das representações do espaço.

4.1.3 Luminosidades e Opacidades no Conjunto Geral das Imagens

A análise do conjunto das imagens presentes no livro permite constatar que a lógica de luminosidade e opacidade se manifesta não apenas nas representações regionais específicas ou nas imagens de capa, mas atravessa toda a composição imagética da obra. Essa distribuição desigual de visibilidade reforça hierarquias simbólicas e filtros ideológicos que moldam a forma como o território brasileiro é ensinado na Geografia escolar.

De acordo com Milton Santos (1996), o espaço geográfico é composto por elementos que não possuem o mesmo grau de visibilidade simbólica: alguns brilham (luminosos) e ganham destaque; outros são relegados à invisibilidade (opacos). No conjunto do livro, observa-se que os conteúdos mais luminosos aqueles que aparecem com maior frequência e destaque são associados a paisagens naturais exuberantes, festas culturais tradicionais, patrimônios históricos e práticas simbólicas consolidadas. Tais representações estão fortemente presentes nas regiões Sul, Centro-Oeste e Nordeste, sempre enfatizando elementos festivos, rurais ou tradicionais.

Por outro lado, há um conjunto de temas que permanece sistematicamente opaco no livro. As imagens que poderiam estimular a reflexão crítica dos estudantes sobre conflitos ambientais, desigualdades sociais, migrações internas, periferias urbanas, diversidade étnico-racial, entre outros, são escassas ou inexistentes. Por exemplo, a subcategoria “degradação ambiental e problemáticas socioespaciais”, mesmo em regiões fortemente impactadas por ações humanas, aparece de forma mínima (apenas uma ou duas vezes, conforme as tabelas das unidades). Temas como o agronegócio e seus conflitos, ou as condições precárias da urbanização desigual também são ausentes, o que indica um silenciamento intencional de temas socialmente sensíveis.

Almeida (2013) adverte que imagens em livros didáticos operam como signos ideológicos: elas não apenas ilustram, mas comunicam valores, visões de mundo e projetos sociais. Quando há ausência de representações críticas, o livro contribui para uma geografia escolar limitada a um imaginário harmônico e decorativo do território. Essa preocupação também é compartilhada por Timmers e Weppo (2017), que afirmam que as imagens, ao serem apresentadas sem problematização, reforçam estereótipos históricos e sociais, especialmente no que diz respeito à representação de regiões como o Nordeste (reduzido ao folclore), o Norte (associado ao exótico) ou o Sul (tratado como espaço europeu e branco).

Pinheiro (2023) complementa essa crítica ao destacar que a função da imagem deve ir além da ornamentação, sendo necessária uma abordagem que questione os estereótipos e amplie a diversidade dos sujeitos representados. No entanto, ao longo do livro,

o que se observa é uma predominância de imagens que reproduzem um Brasil estético, apaziguado, ruralizado e simbólico, em detrimento de um Brasil real, urbano, desigual, multicultural e conflituoso.

Essa lógica de apagamento também pode ser compreendida pela perspectiva do paradigma indiciário, de Carlo Ginzburg (1989), que propõe uma leitura atenta aos detalhes que revelam pistas sobre as escolhas editoriais. No caso do livro analisado, os indícios são claros: a repetição de certas imagens e a exclusão de outras constroem uma narrativa visual parcial e seletiva, que favorece certas regiões e certos grupos, ao passo que invisibiliza sujeitos periféricos, práticas urbanas populares e conflitos sociais.

Além disso, como destaca Porto-Gonçalves (2006, p. 32), “a natureza e o espaço não são neutros, mas carregados de relações de poder e sentidos históricos”. Ou seja, quando o material didático privilegia imagens de paisagens “limpas”, organizadas e idealizadas, ele reforça uma visualidade que apaga contradições e impede a leitura crítica do espaço vivido. Essa crítica é reforçada por Rossi Souza (2019), ao mostrar que os livros didáticos tendem a fragmentar e hierarquizar as representações espaciais, reforçando desigualdades regionais e sociais por meio da imagem.

Copatti (2017) também chama atenção para o papel do professor frente a essa seletividade simbólica: o livro pode ser tanto um instrumento de reprodução de visões homogêneas quanto um recurso de resistência crítica, a depender da mediação docente e da forma como os conteúdos visuais são abordados em sala de aula.

Por fim, seguindo a crítica pedagógica de Callai (2010), o ensino de Geografia deve formar sujeitos capazes de compreender o espaço como produto de disputas, desigualdades e processos históricos. Quando o livro apresenta um conjunto imagético esvaziado de conflitos e com pouca diversidade, ele deixa de cumprir sua função educativa emancipadora e passa a reproduzir um Brasil estereotipado, desigual também na representação.

Em síntese, a análise do conjunto geral das imagens confirma que há uma seletividade simbólica que compromete a pluralidade e a criticidade no ensino de Geografia. Isso exige uma revisão nas práticas editoriais e pedagógicas associadas aos livros didáticos, com o objetivo de ampliar a visibilidade de sujeitos, territórios e realidades historicamente marginalizadas

5 CONCLUSÕES

A investigação sobre a representatividade regional brasileira nas imagens do livro *Amplitude Geografia 7* permitiu refletir sobre os modos como o espaço é simbolicamente construído no contexto escolar. Com base em uma análise qualitativa e quantitativa de natureza hermenêutica e indiciária, sustentada em referenciais da geografia crítica, tornou-se possível compreender como determinados territórios e sujeitos sociais são iluminados enquanto outros permanecem à sombra, em um processo seletivo de visibilidade simbólica. A partir da leitura hermenêutica das imagens, foi possível interpretar os sentidos atribuídos às representações, considerando não apenas o que está visível, mas principalmente aquilo que é silenciado. Como afirma Gadamer (1999), toda compreensão parte de um diálogo entre horizontes, e é nesse diálogo que emergem os significados mais profundos. Já Ginzburg (1989), ao propor o paradigma indiciário, sustenta que os pequenos detalhes, muitas vezes considerados periféricos, podem revelar estruturas ideológicas subjacentes. Assim, as imagens analisadas foram tratadas como vestígios de um projeto de representação que molda o imaginário geográfico de forma seletiva e hierarquizada. A leitura detalhada das categorias e subcategorias revelou como esse processo de seleção simbólica se materializa no livro analisado. Os dados demonstraram uma distribuição desigual das imagens entre as regiões do país: a Região Sul concentra o maior número de imagens no geral, enquanto o Norte e o Sudeste possuem representações mais restritas. Em termos de conteúdo, predominam imagens ligadas a festas populares, patrimônios históricos, fauna e flora e atividades econômicas rurais. Subcategorias como setor terciário, cotidiano urbano, dinâmicas espaciais contemporâneas e degradação ambiental e problemáticas socioespaciais foram escassamente representadas ou completamente ausentes em algumas regiões. Esses dados evidenciam que o livro promove uma representação parcial e desequilibrada do território brasileiro, priorizando imagens que reforçam uma visão harmônica e tradicional do espaço, ao mesmo tempo em que inviabiliza conflitos sociais e desigualdades estruturais. Essa abordagem visual limita o potencial pedagógico da Geografia escolar, que deveria estimular nos estudantes uma leitura crítica do espaço vivido como resultado de relações sociais, disputas históricas e contradições. Como aponta Milton Santos (1996), o espaço é composto por objetos e ações que não possuem o mesmo grau de visibilidade social, e o livro didático reflete diretamente essa lógica, tornando visíveis apenas certos grupos, práticas e territórios. Além disso, a recorrência de imagens culturalmente simbólicas, desconectadas das realidades cotidianas dos estudantes, compromete a construção de vínculos identitários. Estudos como os de Peixoto (2020), Rossi Souza (2019) e Almeida (2013) reforçam que a ausência de elementos visuais relacionados à

vivência do aluno afeta negativamente seu sentimento de pertencimento e o reconhecimento de sua própria realidade no espaço escolar. Assim, a carência de pluralidade imagética reforça estereótipos e compromete a proposta de uma educação geográfica democrática. Esse efeito também se verifica nas imagens de capa, que, ao atuarem como sínteses visuais das regiões, reiteram estereótipos ao selecionar signos culturais fixos e idealizados. Como observa Pinheiro (2023, p. 543), as imagens dos livros didáticos contribuem para a construção de imagens-clichês e para o reforço de estereótipos regionais, étnicos, sexuais e sociais, motivo pelo qual devem ser sempre analisadas criticamente. Quando tratadas como ilustrações neutras e desprovidas de problematização, essas imagens desmobilizam o pensamento crítico e reduzem a complexidade territorial a estéticas harmônicas e folclóricas. A paisagem, enquanto expressão material e simbólica da ação humana, deve ser compreendida em sua totalidade e contradição, o que exige uma abordagem que vá além das aparências. Como destaca Porto-Gonçalves (2006), a própria ideia de natureza está imersa em relações de poder e disputas históricas, e seu uso nos materiais escolares deve ser analisado criticamente. A representação visual idealizada do espaço, ao ocultar conflitos e desigualdades, reproduz uma geografia amena, desvinculada dos desafios reais enfrentados por grande parte da população. Almeida (2013) aponta que, ao invés de questionar, a imagem frequentemente reafirma o que já está socialmente consolidado, contribuindo para a reprodução de assimetrias espaciais e sociais no ambiente escolar. Para Timmers e Weppo (2017), as imagens não são meramente decorativas: elas produzem sentidos e podem tanto reforçar narrativas dominantes quanto ampliar o olhar crítico, desde que acompanhadas de uma abordagem reflexiva. No caso do LD analisado, entretanto, essa oportunidade é desperdiçada.

Cabe ressaltar que esta pesquisa não pretende deslegitimar o uso do livro didático nem criticar o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em si, mas sim problematizar aspectos específicos da representação visual do espaço brasileiro. O PNLD é uma política pública fundamental para a garantia da equidade educacional no país, ao assegurar a distribuição gratuita de materiais didáticos a milhões de estudantes e professores da rede pública, além de estabelecer critérios técnicos e pedagógicos rigorosos para a seleção dessas obras (BRASIL, 2020). No entanto, mesmo com esse avanço, é necessário reconhecer que os livros aprovados ainda podem reproduzir silenciamentos simbólicos. A crítica aqui proposta se direciona exclusivamente à forma como as imagens, em determinados casos, ocultam elementos essenciais da realidade, como desigualdades regionais, conflitos socioambientais, processos urbanos e sujeitos subalternizados. Compreender essas lacunas é essencial para que

o livro didático não apenas informe, mas também forme um olhar geográfico crítico, ético e comprometido com a pluralidade do território.

Diante disso, conclui-se que a representatividade regional nos livros didáticos não pode ser tratada apenas como uma questão estética ou editorial. Trata-se de uma dimensão ética e pedagógica essencial para a construção de uma educação geográfica comprometida com a diversidade, a justiça social e a formação de sujeitos críticos. Rever os critérios de seleção imagética, ampliar a pluralidade de representações e integrar o conflito e a diferença na leitura do espaço são passos necessários para transformar o livro didático em um instrumento de emancipação intelectual e política e não de reforço de estigmas e apagamentos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Renata Maria de. *Imagens do livro didático de geografia: representações do espaço geográfico*. 2013. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2013. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/1095>. Acesso em: 16 abr. 2025.
- ANDREIS, Adriana; CLAUDINO, Sérgio. A construção do pensamento geográfico no ensino escolar. *Boletín de Estudios Geográficos*, Mendoza, v. 122, p. 211–230, dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.48162/rev.40.056>. Acesso em: 9 jul. 2025.
- SILVA, Axé; ROSS, Jurandy. *Amplitude Geografia: 7º ano do Ensino Fundamental*. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Guia de Livros Didáticos – PNLD 2020: Geografia – Ensino Fundamental – Anos Finais. Brasília: FNDE, 2019. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br>. Acesso em: 2 jul. 2025.
- CALLAI, Helena Copetti. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; MORAES, Loçandra Borges de (Org.). *Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia*. Goiânia: Editora Vieira, 2010. p. 15–37. Disponível em: <https://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2014/04/LIVRO-FORMA%C3%87%C3%83O-DE-PROFESSORES-CONTE%C3%9ADOS-E-METODOLOGIAS-NO-ENSINO-DE-GEOGRAFIA-2010.pdf>. Acesso em: 21 maio 2025.
- CONTEL, Fabio Betioli. As divisões regionais do IBGE no século XX (1942, 1970 e 1990). *Terra Brasilis: Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, n. 3, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/990>. Acesso em: 6 maio 2025.
- COPATTI, Carina. Livro didático de geografia: da produção ao uso em sala de aula. *Élisée – Revista de Geografia da UEG*, Porangatu, v. 6, n. 2, p. 74–93, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/6634>. Acesso em: 10 set. 2024.
- DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini et al. Uma proposta de aperfeiçoamento do PNLD como política pública: o livro didático como capital cultural do aluno/família. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 85, p. 1027–1056, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/sXpYnZHpqh4qkD9GZqZvyJP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 maio 2025.
- FREISLEBEN, Alcimar Paulo. A função didático-pedagógica das fotografias nos livros didáticos de Geografia na visão dos autores. *Revista Educação e Realidade*, v. 5, n. 1, 2024. Disponível em: <https://revista1.unina.edu.br/index.php/re/article/view/181>. Acesso em: 6 maio 2025.
- FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. Leitura de imagens para o entendimento do espaço geográfico. *Visão Global*, Joaçaba, edição especial, p. 141–154, 2012. Disponível em:

https://periodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/download/1556/pdf_246/5529. Acesso em: 6 maio 2025.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1999.

GARCIA, Paulo Sergio; GARRIDO, Érica Loureiro; MARCONI, Juliana. Um estudo sobre da infraestrutura da educação infantil da região do Grande ABC Paulista. *Holos*, Natal, v. 1, p. 139–154, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15628/holos.2017.5140>. Acesso em: 6 maio 2025.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143–180.

GIROLA, Maristela Kirst de Lima. Signo e ideologia: a contribuição bakhtiniana para a filosofia da linguagem. *Revista Littera*, São Paulo, v. 28, 10 dez. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5963.lilit.2006.114680>. Acesso em: 13 jun. 2025.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; KLAUS, Viviane; PEREIRA, Ana Paula Marques. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. *Pro-Posições*, Campinas, v. 33, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/GJCbBcY4rdVdvQY56T9qLRQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 jul. 2025.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Tradução de José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, 2007. Disponível em: <https://www.unijales.edu.br/library/downebook/id:63>. Acesso em: 6 maio 2025.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglioni. O paradigma indiciário para análise de narrativas. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, e74611, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hk9sxtYY6BCfcHxwYm3Q8zB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MARTINS, Isabel. Analisando livros didáticos na perspectiva dos Estudos do Discurso: compartilhando reflexões e sugerindo uma agenda para a pesquisa. *Pro-Posições*, Campinas, v. 17, n. 1 (49), p. 117–132, jan./abr. 2006.

MATOS, Fábio de Oliveira. A regionalização brasileira na primeira metade do século XX. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 31, e46576, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/FLwStpVv8VRyHmDh4VDQvvh/?lang=pt>. Acesso em: 6 maio 2025.

MOTA, E. A. O livro didático: do determinismo geográfico de Delgado de Carvalho à educação das relações étnico-raciais. *Terra Livre*, [S. l.], v. 2, n. 45, p. 174–196, 2017. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2015.618. Acesso em: 10 set. 2024.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *A questão agrária: conflito e territorialidade no campo brasileiro*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

PAULI, Marieli Maria; NUNES, Flaviana Gasparotti. Pensar sobre o lugar com os anos iniciais. *Revista EDUgeo*, v. 17, n. 3, 2022. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1213>. Acesso em: 6 maio 2025.

PEIXOTO, Maria Liciane. *Dialogando com o livro didático de geografia: uma análise das imagens acerca do sertão nordestino para o ensino fundamental*. 2020. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Unidade Delmiro Gouveia, Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/7575>. Acesso em: 06 maio 2025.

PINHEIRO, Pedro Bernardes. Imagens, livros didáticos e a Geografia escolar: alguns apontamentos críticos. *Revista Eletrônica da Rede de Geografia da UNICAMP*, n. 30, 2023. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/ereg/article/view/3976/3807>. Acesso em: 6 maio 2025.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006. (Temas atuais). Disponível em: https://www.academia.edu/42758453/PORTO_GON%C3%87ALVES_Carlos_Walter_Os_des_caminhos_do_meio_ambiente. Acesso em: 12 jun. 2025.

QEDU. *EEB Rudolfo Luzina – Nova Erechim – SC*. Censo Escolar 2024. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/42056470-eeb-rudolfo-luzina>. Acesso em: 28 maio 2025.

ROSSI SOUZA, J. V. As Imagens nos livros didáticos de Geografia: Trajetórias e significados. *Boletim Campineiro de Geografia, [S. l.]*, v. 9, n. 2, p. 263–283, 2019. DOI: 10.54446/bcg.v9i2.429. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2748>. Acesso em: 28 maio 2025.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 128, p. 451–472, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/tQws4zsftqmGxhq3XqVJTWL/?lang=pt>. Acesso em: 6 maio 2025.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SIDI, Pilar de Moraes; CONTE, Elaine. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. *RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1942–1954, out./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.9270>.

SILVA, Thaysa Paula Souza da; SILVA, Eliane Aparecida Cabral da; BRITO, Daguinete Maria Chaves. Representações do urbano amazônico nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental - Anos Finais. *Revista Planeta Amazônia*, v. 4, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/planetaamazonia/article/view/389>. Acesso em: 6 maio 2025.

SILVEIRA, Emerson Lizandro Dias. *Paisagem: um conceito chave na Geografia*. Observatório Geográfico da América Latina, 2012. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Conceptuales/23.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SOUSA, Bárbara Léia Lopes de. A importância da representatividade para os grupos minoritários: uma revolução na construção de identidades. João Pessoa, PB, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17617/1/BLLS12062020.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

STEIN, Ernildo. Gadamer e a consumação da hermenêutica. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v. 5, n. 1, p. 204–226, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4805946>. Acesso em: 28 maio 2025.

TIMMERS, Juliano da Costa Machado; WEPPPO, Branda Eloá. Construindo sentidos nas leituras de imagens: um estudo sobre os livros didáticos de Geografia. *Revista Cerrados (Unimontes)*, Montes Claros, v. 15, n. 1, p. 114–129, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22238/rc24482692v15n12017p114a129>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5769/576960997007/html/>. Acesso em: 21 maio 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Divisão Regional do Brasil (1942)* [imagem]. In: *Memória IBGE: linha do tempo*. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.]. Disponível em: <https://memoria.ibge.gov.br/linha-do-tempo.html>. Acesso em: 14 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Mapa do Brasil segundo divisão regional do IBGE (1970) [imagem]. In: AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. Dividir para conhecer: as diversas divisões regionais do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 27 ago. 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/19383-dividir-para-conhecer-as-diversas-divisoes-regionais-do-brasil>. Acesso em: 14 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Divisão Regional do Brasil (1970) [imagem]. In: Agência de Notícias IBGE: dividir para conhecer – as diversas divisões regionais do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/19383-dividir-para-conhecer-as-diversas-divisoes-regionais-do-brasil>. Acesso em: 14 jun. 2025

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Divisão Regional do Brasil (1990) [imagem]. In: Secretaria da Educação do Paraná. Galeria de Geografia: Divisão Regional do IBGE. Paraná: SEED-PR, [s.d.]. Disponível em: <http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=1563&evento=5>. Acesso em: 14 jun. 2025

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades@ – Nova Erechim (SC)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/nova-erechim/panorama>. Acesso em: 8 jul. 2025.

APÊNDICE I – Trabalhos selecionados com base nas diretrizes: Geografia, Livro Didático e Imagens

Trabalhos selecionados com base nas diretrizes: Geografia, Livro Didático e Imagens			
N	Título do trabalho	Palavras-Chave	Referencial
1	Dialogando com o livro didático de geografia: uma análise das imagens acerca do Sertão nordestino para o ensino fundamental	Geografia Sertão nordestino Livro didático Ensino fundamental Representação visual Análise	PEIXOTO, Maria Liciane. Dialogando com o livro didático de geografia: uma análise das imagens acerca do Sertão nordestino para o ensino fundamental. Delmiro Gouveia: UFAL, 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas.
2	Imagens, livros didáticos e a Geografia escolar: alguns apontamentos críticos.	Livro Didático, Imagem, Pesquisas Acadêmicas.	PINHEIRO, Pedro Bernardes. Imagens, livros didáticos e a Geografia escolar: alguns apontamentos críticos. <i>Revista Eletrônica da Rede de Geografia da UNICAMP</i> , n. 30, 2023. Disponível em: https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/ereg/article/view/3976/3807 . Acesso em: 6 maio 2025.
3	Construindo sentidos nas leituras de imagens: um estudo sobre os livros didáticos de Geografia	Educação visual, livro didático, ensino de Geografia, semiótica.	TIMMERS, Juliano da Costa Machado; WEPPPO, Branda Eloá. Construindo sentidos nas leituras de imagens: um estudo sobre os livros didáticos de Geografia. <i>Revista Cerrados (Unimontes)</i> , Montes Claros, v. 15, n. 1, p. 114–129, 2017. DOI: https://doi.org/10.22238/rc24482692v15n12017p114a129 . Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/5769/576960997007/html/ . Acesso em: 21 maio 2025.

4	Imagens nos livros didáticos de geografia: limites e possibilidades de uso no processo ensino-aprendizagem	Ensino de Geografia; Imagem; Livro Didático	ROSSI SOUZA, J. V. As Imagens nos livros didáticos de Geografia: Trajetórias e significados. Boletim Campineiro de Geografia, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 263–283, 2019. DOI: 10.54446/bcg.v9i2.429. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/bol-etim-campineiro/article/view/2748 . Acesso em: 28 maio. 2025.
5	As imagens do livro didático de geografia: a construção do conhecimento espacial e suas implicações para o ensino	Geografia Imagens Linguagem Espaço geográfico	ALMEIDA, Renata Maria de. <i>Imagens do livro didático de geografia: representações do espaço geográfico</i> . 2013. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2013. Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/1095 . Acesso em: 16 abr. 2025.

APÊNDICE II – Catálogo de Imagens utilizadas

UNIDADE 4: REGIÃO NORTE					
CÓDIGO	LEGENDA	OBSERVAÇÕES	AUTORIA	IMAGENS	CAPÍTULO
104_105 N01	indígenas Tukano e Dessana na aldeia Cipiá. Manaus.(AM) 2019	indígenas dançando	Marcos Amend/ Pulsar imagens		Capa
108N02	Construção da rodovia transamazônica (AM)1971	casas e faixa de estrada sendo construída	Claus Meyer/ Tyba		Localização e produção do espaço
111N03	Relevo de depressão. Filadelfia (TO). 2018	Paisagem natural	Tales Azzi/ pulsar imagens		Dinâmica natural
111N4	Pico da neblina. Snata Isabel do Rio Negro (AM).2017	paisagem Natural	Marcos Amend/ pulsar imagens		Dinâmica natural
114N5	Rio Japurá (AM).2021	paisagem Natural	Andre Did/ pulsar Imagens		Dinamica Natural
115N6	Vista aérea de área desmatada em meio a floresta amazônica. Maués (AM)2020	Paisagem DESMATADA	Andre Did/Pulsar imagens		Dinâmica Natural
117N7	Barcos de transporte escolar no rio Tapajós.	Três barcos escolares no rio	chico ferreira/ pulsar imagens		Atividade

	Santarém (PA) 2017				
118N08	Geógrafa Bertha Becker (1930-2013). Rio de Janeiro (RJ) 2010	Imagem de uma mulher branca idosa	Fabio Rossi/ Agência o Globo		Atividade
121N09	A região Norte e a que tem maior percentual de pessoas autodeclaradas indígenas no Brasil. Na fotografia, uma mulher cacique auto declarada Tupinambá. Santarém(PA) 2018	mulher indígena de cocar	Luciana Whitaker/ Pulsar imagens		sociedade
122N10	Família Indígena da etnia Wapichana produzindo farinha de mandioca. Terra indígena Araçá. Amajari(RR). 2021	4 indígenas fazendo farinha	Cadu De Castro/ Pulsar imagens		sociedade
123N11	Festival de Parintins (AM)2019	Várias pessoas dançando usando Fantasias	Marcos Amend/ Pulsar imagens		sociedade
123N12	Dança do Carimbó. Mocajuba (PA)2022	Casal dançando, mulher de aia e home descalço	Cadu de Castro/ Pulsar Imagens		sociedade

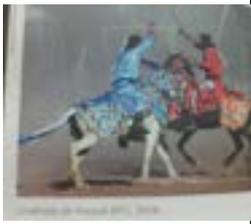
124N13	22 Festival de ciranda de Manacapuru (AM) 2018	Indígenas em roda dançando	Amarildo Oliveira/ TUCUPI Imagens		sociedade
124N14	Cerâmica Marajoara. Ilha de Marajó (PA) 2021	Vasos de cerâmica para demonstração da cultura	Rita Barreto/ Fotoarena		sociedade
126N15	Mulher debulha açaí em comunidade quilombola de Mangabeira, Mocajuba (PA)2020	Mulher com vestimentas simples colhendo açaí	Cadu de castro/pulsar r imagens		Produção econômica
128N16	Gado pasta em área desflorestada. Cacaúlândia(ro) 2020	área de campo A COM pastagem com muitas cabeças de gado nelore	André Did/ pulsar imagens		produção econômica
128N17	zona franca de manaus 2019	imagem de indústrias	Marcos Amend/ Pulsar imagens		Produção econômica
129N18	linha de produção de motos Manaus (AM) 2018	Homens trabalhando na montagem de motos	Edmar Barros/ Futura Press		Atividade
132N19	Fonte do presépio em Belém (PA) 2018	IMAGEM panorâmica do forte que pega cidade ao fundo	Tales Azzi/ pulsar imagens		Atividade final
133N20	Tarauacá(AC) 2017	Homem indígena/ou pardo/ negro extraíndo latex	Andre Did/ pulsar imagens		Atividade final

--	--	--	--	--	--

UNIDADE 5 : REGIÃO CENTRO- OESTE					
CÓDIGO	LEGENDA	OBSERVAÇÃO	AUTORIA	IMAGENS	CAPÍTULO
134_135 CO1	Festa do divino. Vila bela da santíssima trindade (MT) 2014	homens negro/pardos vestidos com roupas coloridas cantando e dançando	Marcos Antonio Sá/pulsar imagens		Capa
136CO2	Morro da baleia. Alto paraíso de Goiás (Go) 2021	paisagem natural foto panorâmica	André Did/Pulsar imagens		Localização e Produção do espaço
137CO3	Indígenas Karajás que habitavam a atual região Centro-Oeste, ca.. 1888	fotografia histórica com indígenas em sua aldeia	Leibniz-instituto fur landerkun		Localização e Produção do espaço
138CO4	Palácio da Alvorada. Residência oficial do presidente da república, durante sua construção. Brasília (DF)1957/1958	Trabalhadores aparentemente de cor em meio a construção do palácio da alvorada	Reprodução / arquivo público-ABR		Localização e produção do espaço
139CO5	Casarios coloniais em Goiás 2018	Imagem de construções	Rogério Reis/Tyba		Localização e produção do espaço
139CO6	Uso de maquinário moderno é destaque nas	Área de lavoura com trator e plantadeira	Mario Friedlander/pulsar imagens		Localização e Produção do espaço

	frentes agrícolas Nova Ubitatã (MT) 2021				
140CO7	Fotografia tirada em 1959	Fotografia da construção de Brasília (140CO8 FOI USADA PARA COMPARAR)	Luciano Carneiro/ o cruzeiro/EM/D.A Press		Atividade
140CO8	fotografia tirada em 2019	fotografia de Brasília	061Filmes/ shutterstock .com		Atividade
141CO9	Lagoas do pantanal de Nhecolândia. Corumbá (MS)2017	paisagem natural	Andre Did/ pulsar imagens		Dinâmica natural
141CO10	Vista aérea do morro do Buracão, Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Alto Paraíso de Goiás (GO)2017	paisagem natural	Andre Did/ pulsar imagens		Dinâmica natural
142CO11	Extração de minério de ferro e manganês do Maciço do Urucum. O manganês é o minério mais extraído do local. Corumbá(MS)2014	Paisagem rural com grande uso do solo	Mario Friedlander/ pulsar imagens		Dinâmica natural

143CO12	Rio Araguaia. São miguel do Araguaia (GO)2021	paisagem natural	Andre Did/Pulsar imagens		Dinâmica Natural
144CO13	Vegetação do Cerrado. Cavalcante (GO) 2019	Paisagem natural	Luis War/ Shutterstock .com		Dinâmica Natural
147CO14	Indígenas Kamayurás em disputa de cabo de guerra na primeira edição dos jogos mundiais dos povos indígenas. Palmas (TO)2015	IMAGEM DE 3 homens indígenas com trajes típicos indígenas, puxando cabo de guerra	Ricardo Tales/ pulsar imagens		Sociedade
148CO15	Cuiabá (MT)	Foto urbana da cidade	Cesar Diniz/ Pulsar imagens		sociedade
149CO16	Bairro com habitação simples conhecido como favela do sol nascente, o mais populoso do Brasil. Brasília (DF) 2018	fotografia urbana	Pedro Ladeira/ Folhapers (urbano e problemática)		sociedade
150CO17	Arraial do Banho de São João. Corumbá(MS)2018	Pessoas com trajes típicos dançando em uma grande festa	Clovis Neto/ Fotoarena		sociedade

150CO18	Cavallhada em Poconé (MT)2018	dois homens em cavalos, com trajes típicos simulando uma batalha	Cesar Diniz/ pulsar imagens		sociedade
150CO19	Arroz com Pequi. Brasília DF 2014	Foto de um prato típico	Kari/ Alamy/Foto arena		sociedade
151CO20	Fabricação de viola de cocho. Cuiabá (MT) 2010	Foto do instrumento sendo feito	Cesar Duarte / Tyba		sociedade
151CO21	Pantaneiro tocando Viola de cocho. Poconé (MT)	Foto de homem pantaneiro (negro) com seu cocho	Fabio Colombini		sociedade
153CO22	Criação de Gado. Glória de Dourados (MS)2018	Gado nelore em pastejo verde	Cesar Diniz/pulsar imagens (economia e rural)		Produção econômica
153CO23	Colheita mecanizada. Chapada dos Guimarães (MT)2022	Grande colheita em grande área de lavoura com maquinários de alto investimento	Mario Friedlander/ pulsar imagens (economia e rural)		produção econômica
154CO24	Área de mineração de ouro. Poconé (MT) 2020	Área de mineração intensa	Cesar Diniz/ Pulsar imagens (economia e problemático)		produção econômica

			a		
155CO25	Sistema de irrigação em plantação de feijão. Campo Novo do Parecis (MT) 2016	grande cultivo de feijão com sistema avançado de irrigação de aspersão	Mario friedlander/ Pulsar imagens		produção econômica
156CO26	Vista aérea de região desmatada da floresta Amazônica para pasto. Alta floresta (MT) 2019	Imagem da paisagem rura/matal com áreas de pasto	Marcos Amend/ Pulsar imagens (rural, economia problemática)		produção econômica
156CO27	Silos para armazenagem de grãos em indústria. Rio Brilhante 19MS) 2018	complexos de silos	Cesar Diniz/ Pulsar imagens (economia e urbano)		produção econômica
156CO28	Silos bolsas para armazenagem de grãos. Primavera do leste(MT) 2020	silos	Mario Friedlander/ pulsar imagens (economia e rural)		produção econômica

UNIDADE 6: REGIÃO NORDESTE

CÓDIGO	LEGENDA	OBSERVAÇÕES	AUTORIA	IMAGENS	CAPÍTULO
162_163NE1	Foliões em apresentação de maracatu durante o carnaval de Olinda (PE) 2020	Bonecos gigantes pessoas fantasiadas e dançando	Eri/iStockphoto.com		capa

166NE2	Casario histórico Olinda(PE) 2018	Casas coloridas com arquitetura antiga	Fabio colombini		Localização e produção do espaço
167NE3	Área densamente urbanizada na zona da mata Recife (PE)2022	imagem urbana	Pollyana Ventura/stockphoto.com		Localização e produção do espaço
167NE4	Área rural com plantação de feijão-de-corda no Agreste pernambucano. Buíque (PE) 2022	foto de plantação com um morro grande ao fundo da foto	Beto Celli/Pulsar imagens		Localização e produção do espaço
168NE5	Irrigação em pasto para gado no sertão baiano (BA) 2020	Imagem de pastagem com irrigação	Mauro Akiir Nassor/ Fotoarena (rural, economia)		Localização e produção do espaço
168NE6	Mata dos Cocais no Meio-Norte. São Raimundo Nonato (PI) 2021	imagem de paisagem natural	Fabio Colombini		Localização e produção do espaço
170NE7	Chapada das mesas 2018	Paisagem Natural	Andre Did/ Pulsar imagens		Dinâmica Natural
171NE8	Planalto da Borborema. Teixeira (PB) 2017	Paisagem Natural	Leo Caldas / Pulsar imagens		Dinâmica Natural
173NE9	babaçu em uma área de mata dos cocais. Carolina (MA)2019	paisagem natural	Luciano Queiroz/ Pulsar Imagens		Dinâmica Natural

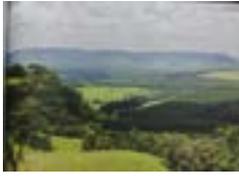
173NE10	Paisagem da caatinga. Buíque(PE)2022	Paisagem natural	Beto Celli/ Pulsar imagens		Dinâmica Natural
175NE11	Rio Paranaíba. Paranaíba (PI)	Paisagem natural	Rita Barreto fotoarena		Dinâmica Natural
179NE12	Mulheres são maioria entre os formados em curso superior. Na fotografia, médica atendendo idosa Itaparica (BA),2019	Duas mulheres(pardas ou negras)	Sergio Pedreira/ Pulsar imagens		Sociedade
180NE13	Desfile do Bloco Filhos de Gandy no circuito barra- Ondina. Salvador (BA),2019	Multidão com trajes religiosos	Elias Dantas/Agênc cia haack/ Futura Press		sociedade
181NE14	Foliões acompanham o bloco. O homem da meia-noite. Olinda (PE)2017	Grande boneco seguido de multidão	Ademar filho / futura press		Sociedade
181NE15	Personalidades retratadas como bonecos gigantes. Olinda (PE)2019	Vários Bonecos com pessoas abaixo	Ademar Filho/ Futura Press		Sociedade
182NE16	Marliete Rodrigues. Bisavó Tereza vendendo seus trabalhos na feira de Caruaru,2005.	Foto de trabalho artesanal, representando algo cultural e artesanal	Marliete rodrigues		Atividade

	Escultura de barro				
183NE17	Complexo petroquímico. Camaçari (BA). 2017	Imagem complexo industrial	Rubens Chaves/Pulsar imagens		Produção econômica
183NE18	Plantação de coco-anão irrigada com água do Rio São Francisco. Pacatuba (SE) 2018	Imagem ampla de uma grande plantação	Delfin Martins/Pulsar imagens		Produção econômica
184NE19	Criação de gado caprino. Canudos (BA) 2021	Pequeno produtor levando balde na cabeça em meio a uma paisagem seca e seus cabritos	Adriano Kinhara/pulsar imagens (rural)		Produção econômica
184NE20	Horta de agricultura familiar . Santa Luz (BA)2018	uma mulher jovem colhendo em uma pequena produção de salsinha	Sergio pedreira /Pulsar imagens		Produção econômica
185NE21	Vista aérea de um pátio de sal em salina de Macau(RN) 2019	Salina em uso	(Delfin Martins/Pulsar imagens)		Produção econômica
185NE22	Passeio turístico nas dunas de Genipabu. Natal (RN)2017	Linda praia com um jipe cheio de turistas	Pabst_ell/Stockphoto.com		Produção econômica
186NE23	Barco com turistas em passeio no Cânion do Xingó. Canindé de São Francisco (SE) 2019	Foto em rio com barco turístico	Tales Azzi/Pulsar imagens		Produção econômica

186NE24	Complexo Industrial portuário Ipojuca (PE) 2019	Foto com construções industriais	Ricardo Tales / pulsar imagens		Produção econômica
190NE25	Raposa (MA)2019	Paisagem natural das mata dos cocais com alguns barcos no rio,	André Did/ Pulsar imagens		Atividade final
190NE26	Custódia(PE) 2017	Paisagem natural com um cacto	Delfim Martins/ Pulsar imagens		Atividade final
190NE27	Mirinzal(MA) 2019	Paisagem com plantação de palmeiras	André Did/ Pulsar Imagem		Atividade final

UNIDADE 7 :REGIÃO SUDESTE

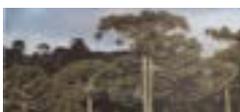
CÓDIGO	LEGENDA	OBSERVAÇÕES	AUTORIA	IMAGENS	CAPÍTULO
192_193SE1	Detalhe do Painel Etnias, de Kobra. A obra representa nativos dos 5 continentes. RJ 2020	Foto tirada em centro urbano	Eduardo/A UTVIS.202 2. Foto: Ismar Ingber Pulsar Imagens		Capa
196SE2	A São Paulo Railway ou Santos -Jundiaí, primeira estrada de ferro paulista, foi muito	Foto PEB de uma ponte ferroviária	Paulo Leonardo da Costa Cunha/ biblioteca nacional do RJ		Localização e produção do espaço

	importante para o transporte e o escoamento do café, que contribuiu para o desenvolvimento da Região sudeste. SP 1906				
197SE3	Casarão do início do século XX Nova Odessa (SP) 2021	Foto de casarão preservado usado para recepção	Edson Grandison/ Pulsar Imagens		Localização e produção do espaço
200SE4	Serra da Bocaina. Cunha (SP) 2021	Paisagem natural	Tales Azzi / pulsar imagens		Dinâmica Natural
201SE5	Depressão periférica. Torrinha (SP) 2021	Paisagem rural com árvores e pastagens	Mauricio Siminetti/ Pulsar Imagens		Dinâmica Natural
202SE6	Barcaça carregada de grãos, na hidrovia Tietê-Paraná. Pederneiras (SP)	Grande barca com inúmeros containers	Cesar Diniz/ Pulsar Imagens		Dinâmica Natural
204SE7	A retirada de vegetação em encostas, associada à alta pluviosidade, é uma das causas do deslizamento de terra. Petrópolis (RJ) 2022	Foto de casas destruídas após deslizamento de terra	Erica martin/the news2Folha press		Dinâmica Natural

206SE8	Franco da Rocha (SP)2022	foto de deslizamento em periferia	Rivaldo Gomes/Folh apress		Atividade
209SE9	Colheita e seleção do café. Bebedouro (SP)1921	Fotografia antiga de imigrantes europeus trabalhando na colheita do café	Museu do café, Santos		Sociedade
210SE10	O monumento ao Migrante Nordestino, localizado na cidade de SP, faz referência ao chapéu de couro, e homenageia os nordestinos que ajudaram a erguer a metrópole. 2014	Foto urbana de um monumento	Alexandre Tokitaka/Pulsar Imagens		Sociedade
211SE11	Grupo de Congada durante o XXI Festival da Cultura Paulista Tradicional- Revelando SP . SP 2018	Grupo de pessoas com trajes típicos coreografando e tocando	Cesar Diniz / Pulsar Imagens		Sociedade
211SE12	Adoniran Barbosa. .SP 1978	Fotografia de um cantor/compositor	Oswaldo Jurno/Estadão Conteúdo/AE		Sociedade
212SE13	Rio de janeiro 2018	Foto estação de metro cheia	Gabriel Santos/Tyba		Sociedade

214SE14	Vista aérea da Refinaria Gabriel Passos da Petrobras. Betim (MG)2019	Imagem de construções industriais	Cesar Diniz/Pulsar Imagens		Produção econômica
215SE15	Bairro vizinho da Área de Exploração de minério de ferro. Itabira (MG) 2021	Imagem de cidade pequena, com bastante vegetação	João Prudente/Pulsar Imagens		Produção econômica
215SE16	Plataforma de petróleo. Rio de Janeiro 2021	Duas Plataformas em meio ao mar	Luciana Whitaker/Pulsar Imagens		Produção econômica
216SE17	Polo de indústrias de cerâmica à beira da Rodovia Washington Luiz. Santa Gertrudes (SP) 2020	Imagens de construção industrial	Delfim Martins/Pulsar Imagens		Produção econômica
217SE18	Plantação de café em encosta de morros. Pancas (ES) 2019	imagem ampla de uma plantação de café	Delfim Martins/Pulsar Imagens		Produção econômica
218SE19	A Rua 25 de Março é considerada o maior centro comercial da América Latina. SP-2019	imagem urbana de uma rua lotada de pessoas com alguns carros ao meio	wsfurlan/iStockphoto.com		Produção econômica
218SE20	pista do aeroporto internacional Tom Jobim. RJ-2019	foto pista de aeroporto com alguns aviões, poucas pessoas e cidadã ao fundo	Simon Mayer/Shutterstock.com		Produção econômica

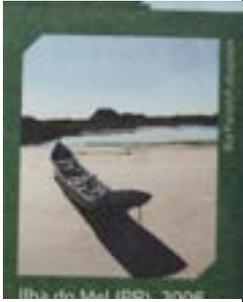
UNIDADE 4: REGIÃO SUL					
CÓDIGO	LEGENDA	OBSERVAÇÕES	AUTORIA	IMAGENS	CAPÍTULO
224_225S01	Apresentação de boi de mamão. Antonina (PR)2017	fantasia de boi e um homem parecendo encenar, Local em área coberta com pessoas em volta	Gerson Gerloff/ pulsar imagens		CAPA
227S02	No sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo há construções remanescentes dos aldeamentos jesuitas dos sete povos das missões. São Miguel da Missões (RS) 2018	Foto de uma igreja velha e destruída em meio a um campo	Thiago Santos/ iStockphoto .com		Localização e Produção do espaço
227S03	Antimonumento Em São miguel das Missões (RS) 2016	estrutura que parece um bunker subterrâneo	Gerson Gerloff/ Pulsar imagens		Localização e Produção do espaço
228S04	Imigrantes alemães. Blumenau (SC) 1930	Foto preta e branca de uma família grande em frente a construções de madeira, sendo casas e galpões	SZ Photo/ Easypix Brasil		Localização e Produção do espaço
231S05	São Joaquim (SC) 2021	Duas pessoas tirando fot em meio a uma praça com neve	Fabio Colombini		Dinâmica Natural

231S06	Parque estadual Ilha do Mel. Paranaguá (PR). 2019	Praia sem construções, mas com pessoas na diverssas pessoas na areia.	Tales Azzi/ Pulsar Imagens		Dinâmica Natural
232S07	Vista da serra da área de proteção Ambiental de Guaraqueçaba (PR)2019	Vista de paisagem natural	Tales Azzi/ Pulsar Imagens		Dinâmica Natural
233S08	Porto Alegre (RS)2018	Imagem panorâmica da cidade de Porto Alegre pegando um rio ao fundo	Rubens Chaves/ Pulsar Imagens		Dinâmica Natural
233S09	Ponte da amizade sobre o Rio Paraná, entre os municípios de Foz do Iguaçu (PR) e Ciudad del Este. Paraguai,2019	Imagem panorâmica que centraliza o rio e mostra as duas cidades e a ponte	Tales Azzi/Pulsar Imagens		Dinâmica Natural
234S10	Lagoa dos Patos. Pelotas (RS) 2020	Cidade na borda da lagoa dos patos, lagoa com diversos barquinhos	Gerson Gerloff/pulsar ar imagens		Dinâmica Natural
236S11	Mata de Araucária em São Joaquim (SC). 2021	Paisagem Natural	Fabio Colombini		Dinâmica Natural
240S12	Daiane dos Santos durante competição em Londres, Inglaterra. 2012	Foto da atleta no campeonato	Paul Giham/ GETTY IMAGES EUROPE/A FP		Sociedade

240S13	Idosos socializando no centro da cidade de Florianópolis (SC) 2019.	Foto na cidade , em meio a uma calçada com várias pessoas caminhando, foco da imagem em um grupo de idosos sentados em bancos da calçada conversando	Gerson Gerloff/ Pulsar Imagens		Sociedade
241S14	Porto Alegre (RS)	Foto aérea da cidade	Rubens Chaves/ Pulsar Imagens		Sociedade
244S15	Apresentação de Grupo de Congada em Antonina (PR).2017.	Grupo de pessoas pardas/negras com trajes	Gerson Gerloff/ Pulsar Imagens		Sociedade
244S16	Apresentação de dança chula em festival. Canela (RS). 2016	quatro homens trajados dançando	Fernando Bueno		Sociedade
245S17	Desfile no Festival de tradições germânicas em Blumenau (SC). 2017.	Desfile em rua da cidade, com várias mulheres utilizando roupas típicas e inúmeras pessoas olhando o desfile	Denner Ovidio/ Futura Press		Sociedade
246S18	Criação de aves. Jandaia do Sul (PR). 2016.	Aviário com pintainhos	Ernesto Reghran/pul sar imagem		Produção econômica
246S19	Indústria de roupas de jeans. Rio do Sul (SC). 2018	tras mulheres trabalhando dentro de uma fábrica com calças na mão	Ricardo Azoury/ Pulsar Imagens		Produção econômica

247S20	Colheita de soja. Leópolis (PR). 2018	Área de plantação com três ceifas colhendo soja	Sergio Ranalli/ Pulsar imagens		Produção econômica
247S21	Complexo Portuário de Itajaí no Rio Itajaí-Açú. Itajaí (SC) 2020	Foto dando enfoque a um navio com com containers, em um porto, onde se vê próximo a cidade.	Adriano Kirihara/ Pulsar imagens		Produção econômica
248S22	Gado passando próximo a aerogeradores do complexo eólico do Chuí. Chuí (RS). 2020	Campo com pouca vegetação, mais pastagens, poucas cabeças de gado e 7 geradores eólicos em meio ao campo de pastagem.	Gerson Gerloff/ Pulsar Imagem		Produção econômica
249S23	Mineração de carvão mineral. Siderópolis (SC) 2021	foto de um do local de mineração, de uma esteira que leva o minério para um grande monte de cor cinza bem escuro, esta cor está presente ao entorno do local também	Cesar Diniz/ Pulsar Imagem		Produção econômica
249S24	Produção de tabuas de pinus para industria moveleira nacional. São José dos Ausentes (RS) 2021	Foto de um homem empurrando uma prancha de madeira para dentro de uma grande máquina, em um local que não aparenta ter uma boa infraestrutura e cuidados.	Gerson Gerloff/ Pulsar Imagens		Produção econômica

250S25	Vista da pista do Aeroporto internacional Salgado Filho. Porto Alegre (RS) 2019	Foto das pistas com dois aviões e pessoas trabalhando, a imagem ao fundo pega a cidade.	Tales Azzi/ Pulsar Imagens		Produção econômica
251S26	Gado pastando em propriedade rural. São Francisco de Assis. (RS) 2020	Algumas cabeças de gado pastando em campo aberto.	Gerson Gerloff/ Pulsar Imagens		atividade
252S27	Ribeirão Claro (PR).2010	Foto de uma árvore que parece ser nativa da região Sul	Ernesto Reghran/ pulsar imagens	 Ribeirão Claro (PR), 2010.	Atividade final
252S28	Cambará do Sul (RS) 2011	Foto de araucárias no pico de uma encosta	Rogério Reis/ Pulsar imagens	 Cambará do Sul (RS), 2011.	Atividade final
253S29	É grande a variedade de produtos derivados da araucária: papel, caixa, mastro de navio, madeira para construção de casa, moveis em geral e até palito de fosforo	imagem de uma caixa de fósforo	bouybin/Shutterstock.com		Atividade final

253S30	A extração da madeira é importante também para a produção de artesanato, como esta peça ao lado. Além disso, as folhas, as sementes e até mesmo a casca da araucária são utilizadas com fins medicinais diversos	foto de artesanato utilizando uma semente de araucária	Daniel Dereveck/ La imagem/ fotoarena		Atividade final
253S31	Pato Branco (PR) 2014	Foto de uma estrada desviando uma araucária	Daniel Vendruscolo / futura press		Atividade final
253S32	Reserva do Iguaçu (PR) 2015	Foto do que parece ser um porco selvagem, mistura de porco doméstico com javali, comento pinhão do chão	Gerson Sobreira/ terrastock		Atividade final
253S33	Ilha do Mel (PR). 2006	Foto da orla da praia com barquinho na areia	Bia Fanalli/ Folhapress		Atividade final

253S34	Porto Alegre (RS) 2009	Foto de vários pinhões	Fabio Colombini		Atividade final
253S35	Foz do Iguaçu (PR) 2011	Foto de uma gralha azul	Fabio Colombini		Atividade final